



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**MACHADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: PODE ISSO?
Mediação dos clássicos: estratégias e diálogos**

Luana Rodrigues de Oliveira dos Santos

**Rio de Janeiro
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Luana Rodrigues de Oliveira dos Santos

MACHADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: PODE ISSO?

Mediação dos clássicos: estratégias e diálogos

Dissertação de Mestrado Profissional submetida ao programa Proletras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Crélia Dias.

Rio de Janeiro

2016

MACHADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: PODE ISSO?

Mediação dos clássicos: estratégias e diálogos

Luana Rodrigues de Oliveira dos Santos

Dissertação de Mestrado Profissional apresentado ao programa Profletras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como exigência parcial à obtenção de título de Mestre em Letras.

Examinado por:

Orientadora: Prof.^a: Doutora Ana Crélia Dias - UFRJ

Prof.^o: Doutor Marcos Estêvão Pasche – Profletras – UFRRJ

Prof.^a: Doutora Raquel Cristina de Souza e Souza – Colégio Pedro II

Prof.^o: Doutor Fernando Maués de Faria Jr – Profletras – UFPA, Suplente

Prof.^a.: Doutora Maria Fernanda de Oliveira – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro

2016

Santos, Luana Rodrigues de Oliveira

Mediação dos clássicos: estratégias e diálogos em turmas do 9º ano. Rio de Janeiro – PROFLETRAS - UFRJ/ Faculdade de Letras, 2016.

Orientadora: Professora Doutora Ana Crélia Dias

Dissertação (mestrado) – PROFLETRAS – UFRJ/
Faculdade de Letras

Programa de Pós-graduação em Língua

Para todos os alunos que passaram em meu caminho e que me fizeram
ainda acreditar no magistério e querer seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio, confiança e torcida de sempre. Aos meus pais que constantemente me lembraram da importância de estudar e de querer mais e que tanto se esforçaram para me darem condições para isso. Em especial à minha mãe, muito obrigada pela dedicação e empenho em me ajudar e em me dar tempo para escrever. Desculpa por ter bagunçado a sua vida, sem você não teria conseguido.

Ao meu marido, por tantas vezes me acalmar e não me deixar desistir sempre me encorajando e acreditando em mim.

Ao meu filho Inácio, um agradecimento especial. Para muitos a loucura de gerar um filho e uma dissertação de mestrado ao mesmo tempo seria impossível. O que pensar então do cenário “ler, escrever, ler, escrever” com um recém-nascido? Mais loucura ainda. Entretanto, sou muito grata ao Universo por me presentear com um filho lindo e calmo que, na medida de sua demanda, colaborou muito, fazendo com que eu conseguisse realizar dois sonhos nesse ano de 2016: ter um filho e me tornar mestre.

Aos meus amigos e companheiros de turma, pelo acolhimento, respeito, cumplicidade, apoio, risadas, fraldas e infinitas trocas que, com certeza, enriqueceram o meu saber enquanto docente e me modificaram como pessoa.

Às minhas companheiras de orientação, Isabela e Silvana, pelo apoio e incentivo no longo caminho percorrido.

Aos professores do PROFLETRAS, pelos saberes compartilhados e caminhos iluminados com suas aulas, realmente hoje sou uma professora mais plena do que era antes do mestrado graças a muitas aulas que tive. Sou muito grata pela compreensão e carinho dedicados no período da minha gravidez e no puerpério.

À professora Leonor Werneck, pelo apoio, carinho e preocupação de sempre. Sou muito grata pela força que você me passou por vezes sem perceber.

À minha querida orientadora Ana Crélia Dias, por humanizar essa relação orientadora/orientanda, por transmitir e dividir todo o seu conhecimento comigo, por ter me apoiado e me defendido sempre, por confiar em mim, mais do que eu mesma por vezes, pela visita na maternidade e principalmente por me fazer acreditar que era possível e me convencer de que sou capaz.

Aos alunos das turmas 901 e 902, do colégio estadual CAIC 1003 Dona Darcy Vargas, pelo apoio, compreensão e disposição nas aulas práticas que motivaram a primeira parte dessa

pesquisa e, principalmente, ao seletto grupo que se dispôs a colaborar com a segunda parte da pesquisa pelas redes sócias, apenas por quererem ajudar.

Às minhas queridas amigas Karina e Patrícia, pela ajuda fundamental nessa reta final.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, universidade que participou dos momentos mais felizes da minha vida, da graduação ao mestrado, e contribuiu diretamente na formação da pessoa que hoje eu sou. Que eu possa novamente sair por uma porta e deixar a outra aberta.

“Neste lugar, não há pedacitos.
Todo o tempo a partir daqui, são eternidades.”
(Mia Couto)¹

¹ In: *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 12.

RESUMO

MACHADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: LITURAS E LEITURAS

Mediação dos clássicos: estratégias e diálogos

Luana Rodrigues de Oliveira dos Santos

Orientadora: Professora Doutora Ana Crélia Dias

Qual o espaço concreto da literatura na escola? A pergunta gera inúmeras discussões, e na prática o que fica claro é o vácuo existente entre o ensino fundamental I e o ensino médio, principalmente no que diz respeito à leitura de grandes clássicos da literatura no ensino fundamental II. Esse quadro acaba gerando a perda de um grande número de leitores em potencial de obras canônicas e tantas outras experiências possíveis de serem vividas a partir da leitura literária. Logo, percebe-se a necessidade de levar essa literatura efetivamente para dentro da sala de aula, na faixa etária de maiores transformações que é o ensino fundamental II, para além do ensino de gênero literário, e a partir daí criar força leitora para romper os muros da escola. Esse trabalho traz reflexões sobre a leitura literária, no 9º ano do ensino fundamental II, em um colégio estadual, fazendo, em especial, a inserção de uma obra literária canônica, no caso *O alienista*, de Machado de Assis. Para tanto, serão propostas algumas estratégias de mediação, principalmente a escolha da obra *O mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, que constitui um diálogo intertextual com o conto machadiano, com o objetivo de despertar curiosidade sobre o texto clássico; e a escolha da realização de uma leitura oral e compartilhada. Entendendo o acesso à literatura como direito de todos, esta dissertação pretende debruçar-se então sobre práticas de mediação do texto canônico e tecer reflexões sobre elas, com o amparo teórico de autores como COLOMER, CANDIDO, CALVINO, ROUXEL, JOUVE, COSSON, dentre outros.

Palavras-chave: Literatura; Cânone; Diálogo Intertextual; Leitura Oral; Leitura Compartilhada; Ensino fundamental II.

ABSTRACT

MACHADO AT ELEMENTARY EDUCATION: IS THIS POSSIBLE? Mediation of the classics: strategies and dialogues

Luana Rodrigues de Oliveira dos Santos

Adviser: Phd Professor Ana Crélia Dias

What is the concrete space of literature in the school? This question creates a number of discussions and experience shows that what is clear is the gap between Elementary school and High school, especially concerning the reading of the great literature classics at the Elementary II. This scenario ends up generating the loss of a great number of potential readers of canonical works and of so many other possible experiences that can be lived through literature reading. Hence, we realize the need to take this literature effectively into the classroom, at the age group of the greatest transformations that is the Elementary II, over and above the teaching of literary genre, and from there creating the reading force to break through the school walls. This study brings reflection over the literary reading at the 9th grade of the Elementary cycle II at a state school, making the insertion, in particular, of a canonic literary work, in the event *O alienista* by Machado de Assis. For this purpose, some mediation strategies will be proposed, especially the choice of the book *O mistério da Casa Verde*, by Moacyr Scliar, that constitutes an intertextual dialogue with the tale of Machado de Assis, with the purpose of arousing curiosity about the classics; and the choice for an oral and shared reading. Understanding the access to literature as every person's right, this dissertation intends to dwell on mediation practices of the canonical text and weave observations over it, with the theoretical support of authors like COLOMER, CANDIDO, CALVINO, ROUXEL, JOUVE, COSSON, among others.

Key words: Literature; Canon; Intertextual dialog; Oral Reading ; Shared reading; Elementary education II; Education.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. O DESPERTAR DA LEITURA DOS CLÁSSICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E DE MERCADO | 17 |
| 1.1 O Clássico e os outros | 19 |
| 1.2. <i>O Mistério da Casa Verde</i> : a recepção dos alunos | 24 |
| 2. LEITORES EM FORMAÇÃO: ANÁLISE DE COMPARTILHAMENTO EM ESPAÇO VIRTUAL | 47 |
| 2.1. Estratégias de leitura: a mediação do professor | 48 |
| 2.2. Machado de Assis no Ensino Fundamental: estratégias e recepção dos alunos | 53 |
| 3. PROPOSTA FINAL: DIÁLOGO ENTRE O CONTEMPORÂNEO E O CLÁSSICO .. | 60 |
| 3.1. Proposta para o livro <i>O mistério da Casa Verde</i> | 60 |
| 3.2. Proposta para o livro <i>O alienista</i> | 66 |
| 3.3. Proposta de diálogo entre <i>O mistério da Casa Verde</i> e <i>O alienista</i> | 72 |
| CONCLUSÃO | 74 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 77 |

INTRODUÇÃO

“A leitura é uma fonte inesgotável, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede.”
(Carlos Drummond de Andrade)

Em pleno século XXI, época de tanto conhecimento, é notável o distanciamento, cada vez mais significativo, da prática da leitura literária, no espaço escolar. Essa efetiva distância amplia-se quando se analisa a realidade existente em salas de aula do ensino fundamental II. Nesse âmbito o lugar da literatura é colocado à margem do estudo da língua portuguesa, quando, em contra partida, essas duas áreas de conhecimento deveriam ser complementares. A literatura constitui um rico material para o reconhecimento e o ensino da língua materna.

Além desse crescente distanciamento, aparece outro marco, bem específico, desta nova geração: o uso das tecnologias. Na década de 70, quando o computador tornou-se um instrumento para uso pessoal, essa tecnologia ainda possuía uma abrangência restrita a classes sociais mais altas. Todavia, com o amplo sucesso, expansão e popularização da mesma, observa-se que há cada vez menos barreiras sociais para o uso de objetos tecnológicos, que se transformam constantemente.

A evolução da tecnologia atinge cada vez mais pessoas, principalmente crianças e adolescentes. O uso da internet já está instituído na vida da sociedade do século XXI e quem a ela não se adequa é considerado “atrasado” socialmente.

Ao se tratar do ensino de literatura e de língua portuguesa, de forma ampla, a internet seria uma aliada, visto que ela contribui para o aumento da escrita e conseqüentemente da leitura. Nos tempos atuais muitos adolescentes possuem blogs, páginas no Facebook, entre outros espaços virtuais, nos quais eles escrevem sobre suas vidas, temas polêmicos e coisas do tipo, o que impulsiona uma interessante reflexão. Devemos nos importar mais com a forma (linguagem, tipologia...) da escrita ou com o fato de simplesmente estarem escrevendo? Acredito que há o espaço para as duas situações e isso é resultado da riqueza existente em tudo que envolve o tema internet.

Aliás, a internet, ela mesma, é todo um tema de interesse para nosso caso: ao mesmo tempo que representa uma magnífica oportunidade de circular para

divulgar e colher informação, por sua natureza ela não tem centro, logo não tem hierarquia, logo opera de modo muito diverso daquele mundo da tradicional imprensa impressa, com perdão pela redundância, na qual colunas de críticos e reportagens específicas iam filtrando as novidades editoriais. (FISCHER, p.18)

A diversidade e falta de hierarquia da internet é relevante para esta dissertação em relação à leitura literária digital. Embora a internet proporcione um acesso ilimitado ao conhecimento, em diversificadas formas, ela simboliza também a modernidade; os livros de papel, os grandes clássicos da literatura, entretanto, opõem-se a esses recursos tecnológicos. Como despertar o interesse, em especial do público adolescente, na leitura literária tradicional com tamanha diversidade e interatividade de textos considerados mais “modernos”? Há hoje, para além disso, uma grande variedade de livros digitalizados, disponíveis para *downloads*, dentre os quais se encontram um vasto acervo que transpassa pelos séculos e pelas grandes obras da literatura mundial. Há, todavia, questões sobre a fidedignidade dessas obras. Para manter a “agilidade” da linguagem digital, opta-se, por vezes, em fazer alterações, adaptações, aos textos originais, “facilitando” a leitura.

Essa é a realidade que já pode ser concretamente notada no espaço escolar: alunos utilizando recursos tecnológicos dentro e fora de sala de aula (destaque para as tecnologias móveis). É necessária formação para os professores envolvendo mídias digitais, para que esse profissional consiga se reaproximar desses alunos e assim despertar seu interesse.

Dessa forma, os pontos inquietantes, que geraram a escolha do objeto de estudo desta dissertação, são os que tangem os seguintes questionamentos: Com tantas coisas mais “interessantes”, qual espaço ocupará a literatura dentro desse mundo adolescente que é o ensino fundamental II? Seria possível levar a leitura de clássicos da literatura para esse mesmo público?

Essas perguntas geram inúmeras discussões, mas na prática o que fica claro é o vácuo existente entre o término do ensino fundamental I e o ensino médio no que se refere ao ensino de literatura. No primeiro segmento do ensino fundamental, há um grande incentivo à prática literária, principalmente a partir das rodas de leitura. No ensino médio, o acréscimo da disciplina Literatura faz com que o professor programe uma série de leituras, normalmente de clássicos, que cumprirão com a programação do conteúdo programático. Já no ensino fundamental II, a prática literária é colocada de lado. Trabalham-se os textos, muitas das vezes, como pretexto para o ensino de língua portuguesa ou para exercícios de interpretação. Vê-se, então, que o prazer estético alcançado na leitura no momento do primeiro segmento se

perde na lacuna existente entre o mesmo e a chegada do ensino médio, instante em que dificilmente esse primeiro encontro com a leitura será resgatado.

O curioso, todavia, é que o campo editorial voltado para esse público de adolescentes vem crescendo e se diversificado bastante, visto o reconhecimento que tem sido dado a essa fase no processo de formação do sujeito. Autores e editores vêm se especializando nesse mercado. Entretanto, há ainda uma apreensão sobre a realidade realmente literária dessas obras e se são elas que devem ocupar o espaço literário na escola.

Por que não inserir leituras literárias de clássicos nesse vácuo do Ensino Fundamental II? O primeiro impasse é que muitos professores esqueceram o seu próprio “eu leitor”. Não há como ser um formador de leitor literário sem conseguir se pensar como um leitor de literatura. Em cenário recorrente nesse segmento escolar, não há um espaço definido para a disciplina de literatura e o professor, em especial o do ensino público, acaba ocupando a maior parte de seu tempo com o ensino da língua, não conseguindo reservar o devido espaço para um trabalho efetivo de leitura literária, o que constitui um movimento contrário entre duas disciplinas que deveriam estar em diálogo no momento do ensino.

Ocorre que somos todos também professores de Língua Portuguesa – e não é necessário ensinar “gramática” para se caracterizar como tal; lidar com a literatura de um país mergulhado em sua língua. Portanto, temos como tarefa premente a busca de estratégias de superação desse alegado monolinguismo dos alunos – um procedimento razoável é o contato gradual, mas constante, com textos de outros períodos, tendo a contemporaneidade como ponto de partida e de chegada. Ser poliglota em sua própria língua, como diz o professor Evanildo Bechara, envolve também a capacidade de ser leitor de textos de qualquer época daquela cultura. (FURTADO, 2004, p.105)

Ressalta-se que em estudo nesta dissertação encontra-se a rede pública estadual e nela não há nenhum projeto vigente que tente, ainda que no papel, trabalhar sala de leitura ou algo semelhante.

O segundo questionamento é que há um (pré)conceito em relação ao aluno, em especial ao do ensino público. Pressupõe-se que esse aluno não entenderá, não conseguirá acompanhar o texto literário e conseqüentemente o trabalho não será realizado. O que não pode cair no esquecimento é que o leitor é um ser ativo, seja qual for a sua faixa etária e/ou seu nível social. O processo de recepção em cada leitor é individualizado, pois “cada criação literária, na sua peculiaridade, suscita reações específicas.” (ZILBERMAN, 2001, p.89). Dessa forma, apesar de um clássico literário não fazer diretamente parte de um acervo de

literatura juvenil, se adequadamente mediado, pode receber uma leitura pela perspectiva e pelo olhar da adolescência e desencadear surpreendentes resultados e trocas.

A terceira questão a ser levantada é que a recusa por parte desses alunos perante a leitura indicada pela escola já é grande, se colocada a leitura de clássicos da literatura torna-se quase uma unanimidade. Antonio Candido, em seu texto *O direito à literatura*, explora o conceito da complexidade literária e o potencial da palavra. O autor diz:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 2011, p. 179)

Ou seja, a literatura mexe com a capacidade de reação do leitor. A repulsa aos clássicos muitas vezes remetida, pelos alunos, às dificuldades já citadas, na verdade está relacionada a essa complexidade e ao fato de faltarem as ferramentas adequadas para gerar a compreensão do texto. É importante mostrar para o discente que a forma e o conteúdo não têm que ser aquilo que o afasta do texto e dessa forma avançar pela complexidade e não recuar nela, fazendo-o lidar com as experiências que o texto literário pode trazer a ele, ressaltando seu caráter humanizador, como defende Antonio Candido.

A pesquisa desta dissertação, portanto, toma como ponto de partida problematizar o ensino de literatura na escola, a partir da expectativa desse ensino motivar e despertar a leitura literária contínua e não somente no âmbito escolar enquanto uma disciplina obrigatória. É necessário que se perceba não apenas o lado pedagógico da literatura, mas também o lado humanizador da mesma. E a partir dessa reflexão, o professor traça um caminho para achar o espaço da literatura no ensino fundamental II, criando estratégias que consigam harmonizar o caráter de obrigatoriedade impregnado na imagem escolar com essa literatura humanizadora.

O grande desafio, então, é planejar essas estratégias que auxiliarão o docente a encontrar o melhor caminho para levar a leitura dos clássicos da literatura para a faixa etária de maiores transformações que corresponde ao segmento do ensino fundamental II, dando ênfase ao ensino público, despertando o prazer pela literatura e a partir daí criar força leitora para romper os muros da escola.

O caminho escolhido nesta dissertação partirá de uma linguagem e de uma temática mais atrativa para o público em questão, para depois chegar efetivamente ao clássico. Espera-se que com essa escolha o aluno sintam-se motivado e preparado para a leitura mais madura e complexa do mesmo.

Por conseguinte, nesta dissertação, foram dois os principais caminhos escolhidos para integrar as aulas, no segmento de ensino analisado, à leitura de clássicos literários. O primeiro viés foi introduzir uma leitura anterior de outra obra literária que dialoga diretamente com o clássico escolhido para ser trabalhado posteriormente. Optou-se pela leitura inicial de *O mistério da Casa Verde*, romance de Moacyr Scliar, que dialoga diretamente com o clássico *O alienista*, de Machado de Assis.

O segundo caminho escolhido em busca da formação de um aluno-leitor, motivadora de toda a pesquisa, será dividido em dois tipos de intervenções diferentes: uma intervenção presencial e uma intervenção virtual.

A intervenção presencial segue estratégias específicas de leitura. Essas estratégias organizam o percurso a ser seguido a partir do professor até atingir da melhor forma possível o aluno-leitor.

O percurso traçado tem como partida uma leitura apenas oral, dividida em algumas aulas, do livro de Scliar para os alunos. Essa escolha foi concluída parte pela falta de estrutura de um colégio público estadual e de condições de cada aluno adquirir um exemplar, parte pela motivação gerada nas pessoas ao ouvirem histórias. A oralidade é grande motivadora na formação leitora e isso ficou bastante claro na experiência vivida em sala de aula.

A condição de aluno/leitor, entretanto, deve ser um processo contínuo. Essa continuidade será mantida pela segunda etapa de intervenção, agora feita à distância, por meio dos suportes de redes sociais, Facebook e WhatsApp. Nos grupos formados nas redes, serão feitas trocas de leituras, de experiências literárias e a apresentação e leitura do clássico *O alienista*, de Machado de Assis. Além disso, nesse momento da pesquisa, pretende-se analisar a comunidade de leitores formada pelos alunos e a partir dessa análise traçar estratégias para a apresentação do conto machadiano. Por fim, ainda faz parte dessa intervenção observar, descrever e analisar como será a recepção dos alunos em relação à obra clássica.

Objetiva-se, a partir desse ponto, estabelecer um diálogo entre o contemporâneo e o clássico, ocupando o espaço de direito da leitura literária no ensino fundamental II. Com isso, todos os caminhos percorridos com esta pesquisa têm como consequência a prática no ensino,

com o intuito de gerar mudanças e aprimoramento no mesmo, no que tange a incorporação da literatura no segundo segmento do ensino fundamental.

Acredita-se, também, que seguindo esse caminho a literatura estará cumprindo seu papel de produto cultural e a escola estará funcionando, enfim, como um espaço intermediador para o acesso a determinadas obras do sistema literário geral.

1 – O DESPERTAR DA LEITURA DOS CLÁSSICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E DE MERCADO

“O Clássico não é livro antigo e fora de moda.
É livro eterno que não sai da moda.”
(Ana Maria Machado)

Ana Maria Machado, nessa afirmativa, motiva uma reflexão sobre as narrativas clássicas e sua representatividade no mundo literário, além de sua importância na formação de um bom leitor. Acredita-se que quanto mais cedo o leitor tiver contato com essas leituras, maior é a probabilidade de essa prática se tornar algo natural na adolescência e na fase adulta. Salienta-se que o contato com leituras literárias não pertencentes ao cânone corrobora diretamente com o desenvolvimento da prática leitora. Destaca-se que seja qual for leitura literária, a escola funciona como um importante espaço motivador para que ela ocorra, tendo na figura do professor o principal responsável por escolher e traçar o melhor caminho para transmitir e impulsionar um gosto pela leitura aos seus alunos.

É preciso, todavia, desmistificar alguns pontos. Qual a importância da literatura no ensino escolar é um deles. A literatura deve ser vista para além de representar alguma realidade, e sim “ampliar o horizonte de conhecimento de mundo” (ZILBERMAN, 2001, P.90) de cada aluno. Retirar o aspecto apenas educativo da literatura no sentido “reprodutor”, “automático”, em que se sobrepõe a função pedagógica é necessário, para contemplar o seu papel social que pode ser recuperado na historicidade da literatura. Os alunos precisam perceber que a arte da palavra escrita está diretamente relacionada à apropriação cultural e às vozes que os representarão perante o mundo. Ou seja, o conhecimento de uma boa leitura literária pode dar a esse aluno de escola pública, na maioria das vezes excluído, uma representação social, o “incluindo no jogo”.

Com efeito, é muito mais difícil ter voz ativa no espaço público quando se é inábil no uso da cultura escrita, e essa é a segunda razão pela qual ninguém deveria ser excluída dela. Ter familiaridade com a leitura, assim como com a escrita, não é suficiente e não garante nada; mas quem está distante dela corre todos os riscos de ficar fora do jogo. (PETIT, 2009, p. 287 – 288)

A leitura literária não pode ser encarada como apenas um dever, mas sim como um direito. Todos, como bem diz Antonio Candido, deveriam ter direito à literatura. Ou seja, a literatura deveria estar ao alcance de todos de forma igualitária e natural. Ninguém deveria ser obrigado a ler, essa obrigação pode gerar uma rejeição sem volta. A divergência está em como lidar com essa não obrigatoriedade em um espaço de imposições de tarefas como é a escola.

Esse cenário tornou-se comum principalmente no segmento do ensino médio, em que a leitura literária de clássicos, acompanhando os estilos literários estudados, passou a ser recorrente na preparação para as provas de ingresso ao ensino superior.

Encerremos a conversa sobre o estabelecimento do cânone literário: foi tal a força de imposição dos vestibulares das grandes universidades, que ao longo dos anos mesmo ambientes de ensino que quase nada tinham a ver com ingresso em ensino superior passaram a adotar aquele modelo explicativo, aquele programa, aquele repertório. Foi assim que os exames supletivos adotaram o mesmo modelo, gerando aulas de preparação, em literatura, que assassinavam o escasso gosto dos alunos pela leitura em geral, pela literatura em particular, enquanto promoviam a mesma lavagem cerebral que impunha Macunaíma e Pré-Modernismo a todos. Uma comédia, vista a coisa de uma altura cultural segura como a que a universidade nos proporciona; uma tragédia para a vida real dos sujeitos submetidos ao ensino regular. (FISHER, 2014, p.13)

A imposição de incluir textos literários pertencentes ao considerado cânone da literatura brasileira em vestibulares refletiu na obrigatoriedade dessas obras em sala de aula, que ultrapassa o limite do gosto literário muitas vezes reconhecido na leitura particular. No tocante a esse assunto e ao papel da escola exercido sobre ele, Ítalo Calvino diz que

a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. É só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o “seu” livro. (CALVINO, 1993, p.13)

O autor aponta coerentemente a condição de dever em que os clássicos aparecem nas aulas de literatura no período do ensino médio, para que os discentes conheçam o maior número de obras literárias possível. Calvino, contudo, salienta que não será na escola que o aluno encontrará o “seu” livro, afirmação essa discordante do objetivo desta pesquisa. Já que a partir dela almeja-se despertar o interesse pela leitura literária na escola e para além dela, e não somente no ensino médio, mas sim desde o ensino fundamental II. Nos últimos anos, com

o desenvolvimento do ENEM², a abordagem da literatura no exame tornou-se mais superficial. Segundo Fisher,

As origens dessa queda são variadas. Pelo ângulo marxista, em alguns de seus matizes, o cânone silenciava sobre a luta de classes, abafando sua expressão, sendo portanto uma abominável imposição das classes dominantes; segundo visadas pós-estruturalistas, ele era baseado no nacionalismo e no machismo tradicionais, sendo por isso um inimigo real de uma desejável ancoragem particular, que enxerga e põe em relevo, por exemplo, a condição de setores específicos como negros ou afrodescendentes, índios, homossexuais, mulheres, mais recentemente pelo que vem de chamar-se ecocrítica, etc. (FISHER, 2014, p.15)

Salienta-se, então, que a crítica não é sobre a inclusão curricular da leitura de clássicos no ensino médio, trata-se da inserção desse tipo de leitura desde o ensino fundamental II e da forma como isso é trabalhado em sala de aula. Reagir contra a queda do cânone e a abordagem antiliterária, sempre em pró do aluno/leitor crítico e consciente.

Para alcançar o almejado despertar dessa leitura literária no espaço escolar, os professores precisam traçar estratégias, dentre as quais, por exemplo, a inclusão de livros contemporâneos, com boas adaptações ou leituras em diálogo com os clássicos, facilitando assim o contato com essa literatura.

1.1. O CLÁSSICO E OS OUTROS

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”
(Ítalo Calvino)

A inclusão do clássico nas salas de aula do ensino fundamental II é o grande motivador para esta dissertação, a esse ponto, portanto, precisa-se ficar claro a que corresponde essa nomenclatura.

O termo, em um primeiro momento, aparece para estabelecer uma divisão social. Aulo Gélíio, no século II d.c., foi o primeiro a trazê-lo para a literatura. Apesar de também ter introduzido uma definição que se estende até hoje de que o clássico “deve ser anterior a nós e deve constituir um modelo de referência” (e-dicionário de termos literários), parte das seguintes expressões:

² Exame Nacional do Ensino Médio

o scriptor classicus, aquele que escrevia para a classe dos mais favorecidos social e politicamente e era, por isso, um escritor notável e exemplar, e o scriptor proletarius, aquele que escrevia para as classes letradas de menor condição social e era ele próprio um indivíduo das classes baixas. (e-dicionário de termos literários)

À luz dessa colocação é possível refletir sobre o clássico e a divisão social de classes ao longo do tempo, em especial na atualidade. No tocante ao cenário atual da escola pública, vê-se, em sua maioria, um público de classe social desfavorecida e que, por conseguinte, não possui muito contato com a leitura literária clássica. Impressiona como um pensamento de dezenove séculos atrás consegue transitar pelo tempo e, ainda que com uma nova roupagem, manter-se vivo na contemporaneidade. Busca-se aqui o direito a todos os tipos de literatura independente de classes sociais de forma igualitária.

Ao longo dos séculos outras definições foram surgindo e firmando seu valor. O clássico “como obra exemplar cuja excelência é capaz de resistir ao tempo” (e-dicionário de termos literários) ou “uma obra de gerações” (e-dicionário de termos literários). Até chegar aos tempos atuais, em que

um clássico tanto pode ser uma obra antiga que persistiu pela sua excelência como uma obra ou autor que se destaca como referência fundamental na sua própria época, o que é reconhecido pela maior parte da crítica segundo critérios objectivos. Neste sentido, Fernando Pessoa e João Cabral de Melo Neto podem ser considerados clássicos na literatura de língua portuguesa. Para estabelecer algum rigor na definição da natureza do clássico, surgem então muitas reflexões teóricas sobre o conceito, sem contudo estarmos sequer próximos de um consenso geral, sobretudo quando pensamos que a classificação de clássico é hoje popularizada pela crítica literária não investigativa que, quase instintivamente, a aplica a qualquer obra ou autor que se destaque por alguma singularidade. (e-dicionário de termos literários)

No que tange essa persistência, deve-se salientar a relação estabelecida por Bloom entre o cânone e a “retórica da imortalidade”, em que se considera o cânone como uma obra literária que o mundo não deixa morrer, ou ainda, o cânone como

Palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradição de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais. (BLOOM, 2010, p.33)

Mediante todas essas possibilidades de se pensar o clássico, encara-se a referência criada pelo aluno de que a leitura de um clássico é a leitura de um livro velho e, portanto, ultrapassado. Se o livro é velho não é leitura para adolescentes. A resistência está em porque ele deve ler os clássicos com tanta leitura contemporânea sendo lançada e com todo o turbilhão de informações vinculado pela internet.

Talvez essa resistência fosse menor se fosse universalizada a leitura e a valorização do cânone, para além de outras leituras literárias contemporâneas, desde crianças, daí a relevância em se incluir leitura literária no ensino fundamental II, porque, como bem salientou Bloom, “a arte e a paixão de ler bem e em profundidade, que era a base de nossa empresa, dependia de pessoas que eram leitoras fanáticas quando ainda crianças.” (2010, p.28).

Calvino (1993) destaca que nunca é tarde para se ler pela primeira vez um grande livro, nada, no entanto, é comparável a leitura feita na juventude. Essa leitura irá construir experiências formativas nesse adolescente que consolidarão em experiências futuras. O autor salienta que “existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas deixa sua semente.” (CALVINO, 1993, p.10). Por isso, a importância de ler e de reler grandes obras, na juventude e na maturidade, ocupando essa leitura ou releitura sempre um espaço de descoberta e de diálogo com as experiências pessoais.

O mercado editorial há algum tempo vem oferecendo adaptações para os textos vernáculos. Essas adaptações, contudo, nem sempre são fidedignas e muitas das vezes sofrem alterações embutidas de um pré-conceito de que dessa forma facilitará a leitura do aluno/leitor dessas obras clássicas.

Na área do cânone, o consenso sobre o valor e a representatividade das obras entrou em crise e o caráter político de sua construção, envolvendo preconceitos de gênero, classe social e etnia, entre outros, é constantemente denunciado. Até mesmo o texto literário tem sua centralidade questionada em favor de outros produtos, tais como os filmes e as canções populares, cuja representatividade cultural não seria menor do que a literária ou, em certos casos, até mesmo superior.” (COSSON, 2004, p.94)

A relação estabelecida entre a literatura canônica e o mercado até pouco tempo ainda estava bem dividida. Por um lado, escritores e professores de literatura criticavam o mercado por esse não possuir interesse em publicar esse tipo de literatura. Seria mais rentável, nesse caso, investir em obras populares e de cultura de massa, consideradas por Rildo Cosson “obras naturalmente efêmeras, posto que o cânone é o que permanece.” (COSSON, 2004, p.93). Há, entretanto, outra visão que aproxima o cânone ao mercado. Visão essa que está

diretamente relacionada ao mercado consumidor composto por estudantes, decorrente da indicação de leituras literárias canônicas feitas pelos professores. Ressalta-se que nessa relação o professor é o consumidor e o aluno é o usuário.

O avanço tecnológico, também, possibilita uma maior divulgação e um maior alcance do cânone, por intermédio dos *e-books*³. Essa literatura tecnológica também contribui para a disseminação de obras não fidedignas.

Deve-se, portanto, tomar muito cuidado na escolha desses textos introdutórios para os clássicos, pois existem muitos exemplos de baixa qualidade, que modificam o texto original, fazendo alterações que mudam a essência do autor tornando a obra não fidedigna. Um bom exemplo desse tipo de texto encontra-se no projeto escrito pela autora Patricia Engel Secco, que carrega o selo do Ministério da Cultura e da Lei de Incentivo à Leitura e que possui como objetivo levar a literatura a trabalhadores pobres que não estão habituados à leitura literária. No entanto, ao fazer a releitura de Machado de Assis, a autora desconstrói a escrita e o estilo tão representativo e único do autor clássico, alegando que dessa forma torna a obra mais acessível a um público menos letrado.

Toda essa polêmica, levantada principalmente entre professores, que gira entorno da validade e da qualidade das adaptações dos clássicos, não atinge o mercado editorial que continua lançando títulos, em especial para o uso paradidático.

Uma adaptação que opta por uma versão sintetizada, com escolhas seletivas, redução de capítulos da obra clássica original não auxilia ou acredita no desenvolvimento intelectual ou crítico do aluno, causando o que Magda Furtado chama de um “achatamento intelectual” e criando um paradoxo:

Sabemos que os textos adaptados são uma forma estranha de responder aos problemas que a escola enfrenta e, também, a própria sociedade. Mas desde que transformaram a educação em mera informação, tem-se destruído a criatividade, a capacidade de escolha dos jovens, condições que o mercado de trabalho, paradoxalmente, exige dos possíveis empregados, pois as empresas necessitam daqueles que criam alternativas para resolver os problemas. Um paradoxo caro à humanidade, porque já está comprovado que o conhecimento é uma ponte que liga vários universos e como tal pode representar a vontade da mudança. (PEDROSA, 2004, p.119)

³ Ebook (ou e-book) é uma abreviação do termo inglês *eletronic book* e significa livro em formato digital. Pode ser uma versão eletrônica de um livro que já foi impresso ou lançado apenas em formato digital. (<http://www.significados.com.br/ebook/>)

Na verdade, com esse tipo de escrita, nega-se o direito ao contato com o original clássico literário e todas as transformações que o texto íntegro poderia proporcionar aos leitores, quaisquer que sejam.

Literatura nos pega ao pôr em contato o que somos com o que não somos – tempos, experiências individuais e coletivas, linguagens e valores que se tornam nossos sem serem nossos. É preciso passar pela diferença a que o texto nos submete. O narcisismo contemporâneo reage a isso querendo facilitação, padronização e autorreconhecimento. Ironicamente, Machado de Assis é um dos mais incríveis analistas do narcisismo, em toda a literatura universal. Não há como chegar a ele sem chegar a ele. (WISNIK, 2014)

Essa negação está diretamente relacionada ao medo de todo e qualquer empoderamento cultural, artístico e humano que a literatura pode dadivar às pessoas. E nós professores vamos compactuar com isso? Vamos negar “o direito à literatura”, previsto por Antonio Candido, a nossos alunos? Cabe ao professor, portanto, conhecer o que esse mercado oferece e fazer escolhas positivas, não permitindo que uma exclua a outra.

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; (CALVINO, 1993, p.12)

O relevante é que toda leitura literária deve ser imune de preconceitos e acrescentar ao entendimento literário dos alunos e não os encaminharem para um lugar onde se acredita que ele não é capaz de atingir certos conhecimentos.

Há também boas adaptações que dialogam de maneira inteligente e criativa com as obras clássicas originais. Acredita-se que o leitor amplia sua visão de mundo, seus conhecimentos, a partir da leitura de um clássico que está sempre sendo enriquecido pelo acréscimo de outras leituras.

Dessa forma, a leitura dos clássicos proporcionará um raro prazer – o leitor poderá compartilhar culturalmente essa época, ainda que ficcionalizada. Um clássico é parte do patrimônio cultural de uma sociedade, o qual todos têm o direito de conhecer; cada leitura feita vai se somar ao cabedal de leituras que constitui a história da recepção daquela obra, que se modifica e se enriquece a partir das nuances de sentido que essas novas leituras acrescentam. (FURTADO, 2004, p.102)

Dessa forma, “o rendimento máximo da leitura dos clássicos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sábia dosagem.” (CALVINO, 1993, p.14).

Espera-se, mediante a isso, achar um melhor caminho para introduzir e recuperar o prazer literário, sempre pensando em relação ao objetivo maior de chegar, a partir dessas leituras, aos clássicos.

1.2. O MISTÉRIO DA CASA VERDE: A RECEPÇÃO DOS ALUNOS

“A leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina”
(Michèle Petit)

Ainda é muito comum encontrar professores que insistem em trabalhar o texto literário apenas como “pretexto” para o ensino da língua, não aprofundando efetivamente a leitura literária. Assim sendo, como querer que o aluno entenda que a leitura de um texto literário ultrapassa o limite do ensino e atinge o *locus* do desejo, da construção de identidade e da representação simbólica do mundo? Essa realidade se torna cada vez mais recorrente, vê-se a dificuldade de trabalhar com a leitura, principalmente nas escolas da rede pública de ensino. Girotto, segundo dados coletados em pesquisa, cita alguns motivos que justificam esse quadro problemático, dentre os quais, para a realidade em questão, destacam-se:

(2) despreparo da equipe docente e responsáveis, por exemplo, pela biblioteca escolar, em colocar em prática a orientação dos programas de formação da competência leitora; (3) ausência de um planejamento didático efetivo, tanto de cada professor, em particular, quanto do conjunto da escola, voltado ao letramento; (4) problemática da qualidade dos textos apresentados nos livros didáticos e a sua inter-relação com o letramento literário das crianças; (GIROTTI, 2011, p. 3)

O quadro torna-se ainda mais alarmante a partir da união dos motivos citados e da geração de crianças e de adolescentes que se encontram nas escolas atualmente. A famosa geração Y⁴ vive e comunica-se na velocidade da internet e não internaliza com facilidade o discurso escolarizado ou a realização de uma atividade em que ela não perceba funcionalidade

⁴ Segundo definição descontraída da Revista Galileu (Out. 2009), a Geração Y possui mundo relativamente estável, eles cresceram em uma década de valorização intensa da infância, com internet, computador e educação mais sofisticada que as gerações anteriores. Ganham autoestima e não se sujeitam a atividades que não fazem sentido em longo prazo. Sabem trabalhar em rede e lidam com autoridades como se eles fossem um colega de turma.

real para a sua vida e nesse ponto insere-se a prática da leitura literária, que exige do leitor abstração e concentração.

Esse desamparo da literatura no ensino fundamental II ocorre também nos documentos oficiais e desobriga a escola a inclui-la nesse segmento de ensino. O trabalho com o texto literário dependerá da iniciativa do professor e contará, em especial, com o desejo e/ou formação do mesmo. Alguns docentes não abrem mão dos clássicos originais, na íntegra; outros são dominados pelo mercado editorial e acabam renegando o cânone; e ainda há aqueles que tentam equilibrar o contemporâneo e o clássico, em busca de uma escola plural e democrática. Essa é a linha de pensamento deste trabalho.

Plural e democrática não é a escola que indica qualquer texto, mas sim aquela que ao selecionar sabe respeitar as diferenças explicitando os valores de sua escolha à comunidade de leitores. Com isso, talvez descubramos que a diversidade e a pluralidade não estão apenas no número ou tipos de texto que oferecemos ao nosso aluno, mas também na constituição mesma do discurso literário. (COSSON, 2004, p.98)

Logo, apesar de não depender apenas do professor, é ele o maior responsável e incentivador, porque precisa criar um espaço em sala de aula para a leitura, em especial a leitura de ficção. Para que isso ocorra, é necessário primeiro amparar o professor, para que ele tenha a consciência da importância da leitura literária na formação do estudante que está além da própria leitura, pois cumpre também um papel social de democratização de saberes. A força da palavra, representada pelo livro, é instrumento de empoderamento de uma classe pré-concebida excluída sócio-econômica-culturalmente, como bem levantou Colomer.

Uma socialização, também, “na vertical”, em relação à sua cultura, porque o que realmente importa não são os livros e a sua conservação através dos tempos, mas o que o leitor aprende com eles: o domínio da linguagem, a entrada no imaginário da coletividade e uma experiência socializadora que contribui tanto para a sua construção como pessoa quanto para a coesão social. (COLOMER, 2008, p. 19)

A partir dessa transformação que ocorrerá mediante um trabalho efetivo de leitura, o educador poderá dedicar-se a efetivar a competência literária. Sabe-se que aqui está sendo levado em conta o plano teórico, visto que na prática a realidade tende a naturalmente nos afastar dessa competência literária e nos aproximar do texto usado como pretexto. Dessa forma, o professor reservaria em suas aulas um espaço para a escrita e para a leitura de textos, tratando esses dois eixos como práticas culturais. Para atingir tal ponto, o mesmo deverá criar

estratégias. Destacando o eixo da leitura, “o professor precisa se constituir como mediador de leitura e criador de novas necessidades que mobilizem a criança a (re)iniciar a sua educação literária, sob uma nova perspectiva que garanta a ação efetiva de leitor mirim.” (GIROTTI, 2011, p. 12)

Ou seja, como mediador, ele deve desenvolver estratégias que, primeiramente, possam desconstruir o “monumento” literatura. A ausência da disciplina de literatura no ensino fundamental II e da prática de leitura literária em sala de aula nesse segmento de ensino acarreta um distanciamento. A literatura colocada em uma posição distante dos alunos constitui, para a maioria, algo inalcançável, difícil de ser compreendida e, por conseguinte, “chata”. Mediante o uso de estratégias, o professor pode reinventar o ensino de literatura e despertar a curiosidade do aluno em ser um leitor literário.

O ensino de literatura está diretamente relacionado à prática de leitura literária que normalmente não ocorre na íntegra nos anos do ensino fundamental II. Esta pesquisa e a prática trabalhada com os alunos dentro e fora de sala de aula defende que é possível realizar a leitura de uma obra literária contemporânea e de uma obra literária clássica em sua integridade com o público referido. Para tanto, serão sugeridas estratégias que colaborarão para o direcionamento da leitura feita para as turmas, sempre preservando a parte subjetiva dela. O professor irá mediar e traçar possíveis caminhos que ele deseja que o aluno alcance, mas tudo dependerá do envolvimento e de como a narrativa irá atingir cada aluno individualmente, já que, segundo JOUVE (2013), “toda leitura tem, como se sabe, uma parte constitutiva de subjetividade.” (p.53). Respeitando isso, a troca entre eles será enriquecida, não anulando o fato de o leitor ser ativo nesse processo.

Deve-se também respeitar o tempo de apropriação da leitura de cada um, principalmente diante da narrativa canônica. Não se pode querer que, em uma turma heterogênea, todos tenham a mesma recepção ou entendimento perante a leitura, por isso a importância de se sugerir diferentes tipos e formas de leitura para uma única obra.

Como o jovem leitor dificilmente realizará essa proeza no primeiro contato com o clássico, a sensação de fracasso da leitura impedirá novas tentativas. Portanto, é extremamente profícua a utilização de variadas estratégias de aproximação com o texto clássico, mas é igualmente decisivo o estímulo a se proceder a outras leituras, ao menos a outras reflexões sobre o texto, com releitura atenta de algumas passagens. (FURTADO, 2004, p.104)

No que tange o objetivo desta dissertação, é de suma importância recorrer a outras obras literárias contemporâneas que dialoguem intertextualmente com o cânone, como

estratégia de aproximação entre os textos literários, pois acredita-se que a partir do texto contemporâneo ocorrerá o despertar da curiosidade sobre o texto clássico. Ressalta-se que essas outras leituras em diálogo não pretendem *ser* o texto clássico: apenas apontam, a partir de linguagem próxima do jovem, caminhos para que a obra entre no debate antes de sua efetiva leitura.

Com base nesses pressupostos, foi elaborada uma proposta de atividade de leitura literária, aplicada em duas turmas de 9º ano⁵, do ensino fundamental II, do colégio estadual C.A.I.C. 1003 Dona Darcy Vargas, situado no município de Belford Roxo, em que há uma grande carência financeira – muitas das vezes – e cultural, pela falta de acesso. O município em questão possui uma imensa precariedade em tudo que tange a cultura letrada, faltam livrarias, bibliotecas, centros culturais. Nas duas turmas, 901 e 902, o hábito da leitura é bastante raro, sendo verbalizadas em várias situações frases como: “Eu não suporto ler!”, “Eu não entendo nada nesses livros difíceis!”, “Pra que eu tenho que ler?”, entre outras nessa linha de pensamento.

A proposta teve como suporte o livro *O mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar⁶, da coleção “Descobrimos os clássicos”, que dialoga diretamente com *O alienista*⁷, de Machado de Assis. Essa coleção, da editora Ática, reúne um grande número de títulos que promovem um diálogo intertextual com uma obra literária clássica correspondente. Entre os renomados autores que se propuseram a participar desse projeto, encontram-se, além de Moacyr Scliar: Ivan Jaf, Walcyrr Carrasco, Luiz Antonio Aguiar e Alvaro Cardoso Gomes. Dentre as obras, estão presentes *Dez dias de cortiço* (Ivan Jaf) que estabelece um diálogo com *O cortiço* (Aluísio Azevedo), *Câmera na mão, o Guarani no coração* (Moacyr Scliar) que estabelece um diálogo com *O Guarani* (José de Alencar), *Iracema em cena* (Walcyrr Carrasco) que estabelece um diálogo com *Iracema* (José de Alencar), *O tempo que se perde* (Luiz Antonio Aguiar) que estabelece um diálogo com *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* (Machado de Assis), *Auto do busão do inferno* (Alvaro Cardoso Gomes) que estabelece um diálogo com *O auto da barca do inferno* (Gil Vicente), entre outras obras que tentam na verdade, através da intertextualidade, (re)descobrir clássicos por vezes já esquecidos ou desconhecidos desse público adolescente.

⁵ O trabalho foi realizado com duas turmas de 9º ano, pois eram as turmas que constavam na minha grade de horário.

⁶ Autor que junto de sua geração contribuiu para tornar a literatura mais moderna e palatável para o chamado leitor médio brasileiro, com destaque para os leitores/alunos.

⁷ Conto originalmente publicado em *Histórias sem data*. Entretanto, optou-se pela formatação *O alienista*, porque a edição usada é uma publicação independente, em livro, do conto.

Apesar do evidente propósito comercial, nesse vínculo forte estabelecido entre o mercado editorial e a produção de material que atenda às demandas da escola, a coleção não esconde o fato de não se constituir como uma adaptação da obra e acentua, ainda na capa, o caráter de diálogo de que se constitui, indicando a obra clássica com a qual dialoga: na margem superior direita está a informação.



Capas de alguns títulos da coleção

Dentre tantas obras dessa coleção, o livro *O mistério da Casa Verde* foi escolhido primeiramente por conta do tamanho da obra, tanto a de Scliar quanto a de Machado de Assis, visto o trabalho prático que se pretendia fazer com os alunos e que será relatado na sequência. O outro ponto motivador para essa escolha é que a narrativa relaciona-se diretamente com o mundo adolescente, já que conta a história de um grupo de amigos adolescentes, liderados por Arturzinho, que resolvem invadir a Casa Verde, um casarão abandonado, para transformar o local na sede de um clube. Ao entrarem na casa, no entanto, eles percebem que não estão sozinhos e acabam se deparando com uma figura um tanto quanto estranha, que diz ser o alienista. Dessa forma, os garotos mergulham nesse mistério e conseqüentemente na história do alienista com base nas palavras escritas por Machado de Assis, publicadas em 1882, retomadas por vezes na história de Scliar. Cabe destacar que o autor introduz a linguagem machadiana de forma muito interessante, usando-a para complementar, incrementar e enriquecer seu texto, gerando uma discussão adolescente bastante semelhante a que tive em sala de aula, como se pode perceber nos recortes abaixo.

O primeiro recorte selecionado mostra o momento em que a professora Isaura começa a contar a história do livro machadiano, a pedido dos meninos. O intuito era fazer com que os amigos entendessem melhor o mistério que estavam enfrentando e ajudá-los a decifrar aquele

homem misterioso que se encontrava dentro da Casa Verde dos dias atuais e atrapalhava o objetivo maior de construção do clube.

_ O Machado de Assis começa assim: “As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o doutor Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, Portugal e das Espanhas”.

_ Bacamarte... Bacamarte... Não é uma arma antiga? _ perguntou Pedro Bola.

_ É. Mas você já vão ver que o Machado escolheu esse nome de propósito para o doutor. Depois de estudar na Europa... naquele tempo o Brasil era governado por Portugal... ele veio para a vila de Itaguaí, casou com uma moça chamada Evarista e começou a trabalhar. Aos poucos, foi-se interessando pela doença mental. Não era um assunto muito popular, digamos assim. Conta o machado: “A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua”. O doutor Bacamarte então teve a ideia de construir um lugar para os malucos. Para isso, ele pretendia conseguir verba da câmara dos vereadores.

_ E os itaguaienses, o que disseram? _ perguntou Pedro Bola.

_ Ficaram curiosos, mas não gostaram muito da ideia. Diz o Machado: “A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma sinal de demência”. (SCLIAR, 2004, p.41)

Scliar foi muito feliz ao mesclar o discurso de Machado a sua narrativa contemporânea, pois dessa forma os alunos puderam ter um primeiro contato com a tão temida linguagem machadiana de uma forma leve e facilitada, não por menos esse contato chegar pela voz da professora, representante do saber, que cita Machado, mas sempre traçando ponderações. Além disso, nesse momento, Isaura consegue transmitir ao grupo de amigos e a todos os leitores a trama que ocorrerá em *O alienista*, o que corrobora em motivá-los a querer saber mais sobre o cânone.

Já o segundo recorte aponta as impressões tiradas pelo grupo após toda a história contada pela professora, ao longo do capítulo 4, “No qual as coisas começam a se esclarecer”, e o interesse despertado em conhecer na íntegra o célebre conto do autor Machado de Assis. Interesse esse o maior objetivo a ser alcançado por mim em sala de aula.

Os garotos agradeceram à professora Isaura e saíram. Tão impressionados estavam, que ficaram parados na frente do colégio, por uns bons cinco minutos, sem dizer palavra.

_ Que coisa _ murmurou Pedro Bola, por fim. _ Que coisa. O alienista trancando todo o mundo na Casa Verde... Parece história de terror. Pode ser inventada, mas está muito bem contada.

_ Muito bem _ disse André. _ Nós temos a história do Machado de Assis, e que eu, aliás, estou ansioso para ler. E isso eu que não sou de muita leitura, hein? Mas é que fiquei curioso... Agora: o nosso homem lá da Casa Verde... gente, esse cara também deve ter uma história muito estranha. Acho

que nem o Machado de Assis imaginaria um tipo desses. Vocês viram, a história dele termina quando o alienista morre. Como é que ia imaginar um cara se trancando na Casa Verde tantos anos depois? E a troco de quê o sujeito pensa que é o doutor Simão Bacamarte? Isso eu não consigo entender. (SCLIAR, 2004, p.48)

Esse segundo recorte conclui o caminho iniciado no primeiro e desenhado para essa pesquisa, o de uma história despertar a curiosidade em conhecer a outra. Os fatos ocorridos em *O alienista* relatados pela professora serviram de pistas para os meninos e de válvula motivadora para a leitura do conto machadiano na íntegra também para os leitores. O fato de essa narrativa clássica ter sido contada informalmente, ainda que pela figura da professora, colabora para essa maior absorção como pode ser comprovado na experiência de leitura feita em sala de aula e que será relatada mais adiante.

Por intermédio da leitura dos recortes citados e do livro de Moacyr Scliar, vê-se um bom exemplo da tentativa de se produzir uma literatura que busca linguagem e referência mais contemporânea, ainda dialogando com o clássico. Essa busca por uma linguagem mais fluida é uma estratégia para conseguir alcançar maior número de jovens leitores, visto que atualmente os adolescentes estão mais inseridos em outro tipo de linguagem, que na maioria das vezes se afasta de uma construção sintática mais complexa, em especial a das mídias eletrônicas, que é uma linguagem rápida, em constante mudança, o que comprova mais uma razão para trabalhar uma obra contemporânea antes de inserir o clássico, para, por meio de uma iniciação à linguagem literária, tentar desconstruir a erudição e a concorrência prevista e anunciada por Affonso Romano de Sant'Anna.

Concorrendo, portanto, com jornais, televisões, cinemas, etc., a linguagem literária muitas vezes acabou por alargar seu espaço internamente, numa alquimia de materiais estilísticos e formais que tornam o texto literário um código que só os iniciados podem decodificar. (SANT'ANNA, 2003, p.8)

Há uma tradição na literatura juvenil de “traduzir” ou adaptar os clássicos, a fim de aproximar o leitor desse universo de leitura, com o pressuposto de que a desmistificação da complexidade linguística dará conta desse movimento. A adaptação tem em sua origem o significado de quando alguém ou algo adequa-se, ajusta-se ou é ajustado, a um determinado contexto ou meio a fim de, no sentido biológico, sobreviver e, no sentido sociocultural, de ser aceito ou compreendido. Esse recurso surge da inferência de que se necessita de uma intervenção tendo como ponto de partida uma intenção pedagógica. Dessa forma, várias obras do cânone literário foram adaptadas, segundo pensamento editorial, para facilitar o entendimento, esclarecer passagens de maior dificuldade de serem compreendidas na obra

original, a partir da ideia, já aqui criticada, de que nem todos possuem capacidade de compreensão de uma obra literária canônica lida na íntegra. Para tal, é muito comum o uso da paráfrase, que se trata da reescritura, com palavras diferentes, porém buscando manter o mesmo sentido da obra original.

O estudo da literatura comparada defende a teoria de que a literatura está em constante diálogo com outros textos e a cultura e é a partir daí que ela se produz. Assim, esse campo de estudo valorizará os processos de trocas, empréstimos e retomadas entre os textos literários. Cabe ao professor, se considerar interessante esse caminho, escolher o diálogo que ele considera mais adequado para ilustrar seu trabalho.

Na obra *O mistério da Casa Verde*, um dos objetos desta dissertação, o diálogo intertextual ocorre por meio de uma meta-história, em que o autor cria o enredo para reviver o conto machadiano *O alienista*, seguindo o princípio da intertextualidade

como o processo de interação e intercâmbio semiótico de um texto primeiro com outro texto, ou outros textos, particularmente com o texto cultural, o texto histórico e o texto social, (na medida em que os três se interseccionam sem, no entanto, serem redutíveis um ao(s) outro(s)). (ALÓS, 2006, p.14)

Isso pode ser percebido, por exemplo, nos dois recortes aqui citados, quando a professora Isaura cita trechos da obra de Machado, utilizando-se do discurso do outro, inserindo *O alienista* no discurso de *O mistério da Casa Verde*, como uma unidade integral da construção de sentido do texto de Scliar, pois o autor, em meio a sua escolha de uma linguagem de aproximação do público que ele pretende atingir, insere a linguagem machadiana na íntegra e de forma natural. Portanto, a noção de recepção/compreensão ativa, defendida por Bakhtin, como pode ser observado na leitura de Anselmo Peres Alós, em que só é possível a compreensão na interação, mantendo a harmonia do texto, é um caminho interessante para essa reflexão:

A palavra do mesmo e a palavra do outro não se miscigenam homogeneamente no processo de enunciação narrativa, perdendo suas características próprias e formando um terceiro elemento; ao contrário, ambas mantêm determinadas particularidades, e é a partir dessas diferentes particularidades discursivas em confronto, organizadas em uma mesma enunciação narrativa, que se estabelece uma relação ativa. Por mais que se tente apagar a origem do discurso de outrem, ele reaparece, ainda que sob a forma de estranhamento – ou de “ruído” – na harmonia do texto. (ALÓS, 2006, p.3)

A escolha do uso do discurso do outro por Isaura, personagem da história de Scliar, ratifica a posição social erudita dela de professora e torna-se extremamente relevante para a

construção e para o desenrolar da narrativa. A pedido do grupo de adolescentes, a professora traça um panorama de *O alienista* e Arturzinho e seus amigos podem criar suas perspectivas sobre os eventos narrados. A personagem Isaura consegue habilmente criar o que Cecilia Bajour, em *Ouvir nas entrelinhas*, chama de pontes entre a tradição e o presente, assim trazendo o clássico à tona na narrativa contemporânea, reafirmando a existência do diálogo intertextual. Todavia, Isaura na narrativa ocupa um espaço para além de uma representante apenas do saber acadêmico: ela é uma leitora especializada, que ao contar a história do conto machadiano para os meninos, aproxima-os, pela curiosidade, intencionalmente da literatura canônica.

Acredita-se que leituras em diálogo intertextual, como as dessa coleção, promovem um movimento inverso ao encontrado em várias outras coleções que, por fazerem uma adaptação precária (considera-se precária obras que retiram marcas linguísticas típicas de autores consagrados, ou que cortam trechos da obra original condensando tramas que interferem no plano global da narrativa, entre outros), podem prejudicar a experiência do incurso na leitura literária, porque dão ao leitor inexperiente a sensação de que ele leu a obra. Esse movimento contrário ocorre, uma vez que a coleção usada nesta dissertação apresenta a obra original (como será descrito posteriormente) e a partir daí busca despertar o interesse pela leitura da literatura clássica.

Para ler e iniciar o trabalho com o texto *O mistério da Casa Verde*, recorri ao compartilhamento – Leitura socializada, sugerido na divisão do modo de pensar a organização da leitura feita por Teresa Colomer, em *Nos caminhos da Literatura* (2008), como mostra o quadro abaixo.

| Leitura de obras na escolaridade obrigatória | | | |
|---|--|---|---|
| Tipos e objetivos | Atividades | Instrumentos | Avaliação |
| <p>COMPARTILHAR Leitura socializada</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar com os demais. • Implicar-se e responder. • Contrastar e construir o sentido. • Usar uma metalinguagem literária. • Construir referentes coletivos. | <ul style="list-style-type: none"> • Clube de leitores/ leitura em duplas/em grupos/ através da internet etc. • Discutir, elaborar. • Recomendar. • Recordar juntos. | <ul style="list-style-type: none"> • Mural de recomendação. • Pautas ou perguntas de ajuda. • Entrevistas periódicas aos alunos sobre a sua leitura. | <ul style="list-style-type: none"> • Informação sobre o uso (transferência) de saberes literários. • Sobre capacidades interpretativas. |

(COLOMER, 2008, p.17)

Uma das atividades sugeridas por Colomer para esse tipo de leitura é uma leitura diferenciada (Clube de leitores/ leitura em duplas/ em grupos/ através da internet etc.). Para o trabalho com a narrativa de Scliar foram adotados dois caminhos de leitura: a leitura oral e a leitura compartilhada feita pelo professor. A escolha da leitura oral não ocorreu de forma rápida, foi ponderado como um retorno à prática da oralidade na leitura literária influenciaria positivamente esses alunos e a escolha se deu porque pareceu que a escuta seria o melhor caminho para resgatar os leitores/alunos.

Esse caminho foi traçado pela capacidade de relação afetiva com o livro ser maior nas pessoas que possuem contato com a contação de histórias, relação essa que surge desde a infância, comprovando a importância da escuta no processo de convocação do leitor para a experiência literária, como podemos perceber nas pesquisas de Michèle Petit em *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009). Os pais oferecerem a seu filho o contato com o mundo literário desde cedo só acrescentará boas e importantes vivências que ele carregará ao longo de sua formação de indivíduo, pois a ficção permiti iniciá-lo a linguagem da narrativa, além de colocá-lo diante de questões humanas (morte, abandono, crueldade, amor, sexo etc.), que podem ou não já fazerem parte de sua vida. Esse momento, entretanto, não pode ser feito de forma mecânica, é necessário que haja a afetividade, pois é ela a responsável por fazer com que a criança crie um vínculo, que pode se eternizar, com a leitura literária. Ao comparar com o ato de dar a comida, Petit relaciona brilhantemente o ato mecânico com o ato lúdico e o que isso pode acarretar na criança.

Se a colher se transforma em um avião aterrissando na boca ou se o adulto canta, a criança reconhece, para além da necessidade, o desejo, e celebra a comunhão graças a uma espécie de aliança natural (eminentemente cultural) entre relação e ficção. (PETIT, 2009, p.56)

Analisada, entretanto, a realidade dos alunos em questão percebe-se que a maioria não possui essa lembrança afetiva, eles não relatam terem sido ouvintes de histórias, o que parece gerar uma perda de interesse no livro em si e uma não-capacidade de descobrir sentido(s) na leitura “obrigatória” em sala de aula.

Por conta desse cenário, a leitura oral foi escolhida para resgatar uma lembrança perdida ou, até mesmo, criar uma lembrança literária por meio de uma nova perspectiva de trabalho em aula. Vale ressaltar que, em um primeiro momento, pretendia-se projetar a história em sala, para que os alunos pudessem acompanhar a leitura enquanto ouviam. Trata-se, todavia, de um colégio público, não visado politicamente, e nem sempre há uma

disponibilidade de materiais em condições de uso. Nesse caso, pela falta dos mesmos, a escolha foi pela leitura apenas oral, feita diretamente pela professora, com a turma disposta em círculo, em sala de aula. O que em um primeiro momento causou uma apreensão, principalmente por tratar-se de uma obra completa, trouxe uma grata surpresa, pois as turmas se mostraram bastante receptivas e interessadas na história contada, demonstrando uma maior apropriação da mesma.

O fato da escolha da prática oral não teve propósito de oposição com a escrita em si, visto que as duas vertentes se complementam, já que a escrita é a representação de várias vozes, como afirma Petit: desde o autor, passando pelas personagens, até os inúmeros leitores.

Por muito tempo se opôs oral e escrita, embora o livro e a voz sejam companheiros, e a biblioteca, em particular, seja um ambiente “natural” para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor. Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega. (PETIT, 2009, p.59)

A leitura oral para um grupo promove o compartilhamento, muito importante na formação de leitores e amplamente defendido pelos especialistas como Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p.143)

Com o intuito de convocar os alunos para a leitura, a atividade ocorreu em quatro encontros, sendo que cada um corresponde a três tempos de aula. No primeiro dia, dediquei o espaço inicial para apresentar a proposta da coleção “Descobrimos os clássicos” e para contextualizar os alunos falando resumidamente sobre *O Alienista*, obra que inspira *O mistério da Casa Verde*.

Após esse primeiro momento introdutório, foi feita a leitura do primeiro capítulo. Ao fim de cada capítulo, abria-se uma discussão para que os alunos expusessem suas impressões, fizessem suas inferências, trocassem suposições, entre outros. Dessa maneira, o intuito com a leitura compartilhada era contribuir para o desenvolvimento do gosto da leitura literária, como bem afirmou Magda Furtado,

O professor oferece a seus alunos a possibilidade de uma leitura compartilhada desses textos, não exclusivamente com sua supercompetência de professor de Letras, mas também uma experiência de leitura compartilhada entre os alunos, que pode ser debatida, dramatizada e enriquecida pelo diálogo com outras leituras feitas pelo mesmo grupo, e não apenas pelas leituras individuais. Na verdade, o professor pode estar diante da última oportunidade de aquele aluno estabelecer uma relação prazerosa, coletiva e inesquecível com um texto clássico, já que ele pode estar às vésperas de seguir uma carreira da área científica, distante dos estímulos para leitura dos clássicos. (FURTADO, 2004, p.100)

Esse espaço da atividade de discussão foi de suma importância para o trabalho desenvolvido e muito bem recebido pelos alunos, que acharam extremamente enriquecedora a troca de olhares distintos com os colegas sobre uma mesma obra, uma narrativa mais longa, experiência não comum na realidade da escola pública, uma vez que, como não podem comprar os livros e a biblioteca, além de não funcionar regularmente, não dispõe de muitos volumes de uma mesma obra, torna-se inviável uma leitura coletiva de narrativas mais extensas, cujas reproduções xerográficas não são possíveis.

A partir desse momento de compartilhamento da leitura, foi criado um espaço para que cada um apresentasse sua leitura subjetiva, dando voz às conclusões únicas e diferenciadas de cada aluno. Assim, através da individualização do discurso compartilhado coletivamente ocorre a troca de leituras e recepções, as interpretações e as experiências com o texto. Nesse ponto, torna-se indispensável a consciência de cada professor sobre este ser um espaço em construção, em que não se pode predeterminar todos os caminhos que serão tomados. Cabe ao mediador guiar e não substituir a interpretação do aluno, facilitando a construção pessoal de sentido de cada um.

A ajuda do especialista deve levar a interpretação além do que fariam os leitores: dar pistas para ver os níveis de leitura e o que há “*por trás das linhas*”; oferecer informação contextual, se for necessária; enlaçar com o contexto atual para tornar possível uma compreensão que conecte com o que os alunos sabem e pensam sobre o mundo; sistematizar as descobertas para que elas sirvam como futuros esquemas interpretativos etc. (COLOMER, 2008, p. 22)

A cada dia foram lidos entre dois a três capítulos do livro, sempre alternando com a atividade de discussão. Além disso, foi reservado um tempo de aula por dia, o último, para que os alunos respondessem a um pequeno questionário (duas a quatro perguntas), referente aos acontecimentos lidos nos tempos de aula anteriores. Na formulação dessas perguntas, procurei seguir a linha teórica proposta em um percurso de três tempos por Annie Rouxel, em *Leitura subjetiva e ensino de literatura* (ROUXEL, 2013, p.61-62), que parte de uma relação

pessoal dos alunos com texto, passa por um confronto das reações deles com os dados textuais e se conclui com a análise das reações subjetivas dos mesmos alunos. Observemos o detalhamento do questionário a seguir:

| 1º DIA⁸ |
|---|
| 1 – O que está achando da leitura apenas oral feita em sala de aula? |
| <u>Aluno 1 – 901:</u> - Eu achei muito boa, porque a sala ficou “quieta” e deu para prestar atenção na aula, deu mais interesse. |
| <u>Aluno 2 – 901:</u> - Eu achei a leitura que ouvimos em sala de aula muito legal, porque só ouvindo podemos imaginar a história. E é muito melhor nós ouvirmos de uma pessoa, do que ler si próprio. |
| <u>Aluno 3 – 901:</u> - Ultra tô curtindo, finalmente um pouco de leitura pra galera dessa sala que muito mal lê algo no dia-a-dia. Por mais aulas assim com mais frequência, heim Fessora. |
| <u>Aluno 4 – 901</u> - Eu acho que é bom, porque não precisa copiar o dever no quadro e é bom porque eu entendo mais do que ficar lendo. |
| 2 - O que você está achando da história O mistério da Casa Verde? |
| <u>Aluno 1 – 901:</u> - A história é muito boa, o suspense deixou mais interessante, estou gostando muito de ouvi a história. |
| <u>Aluno 2 – 901:</u> - Olha, não esperava muito desse livro, porém me surpreendi bastante com a história (e com o Léo, meu eu no livro). Tô ansioso para ouvir o resto e como tudo vai se desenrolar. Já disse e repito: o senhor dentro da Casa Verde é o louco do livro de Machado usado como inspiração para esse. |
| <u>Aluno 3 – 901</u> - Eu acho uma história muito boa. Porque eles são um grupo aventureiro, eu gosto disso. |

⁸ As duas turmas, 901 e 902, responderam o questionário. As respostas foram selecionadas aleatoriamente para ilustrar a proposta. Não houve correção ortográfica.



No primeiro dia, o questionário buscou trabalhar com as primeiras impressões sobre o tipo de mediação escolhido e sobre a história lida. De maneira geral, os alunos em um primeiro momento estranharam a experiência da leitura oral, principalmente por ser algo novo. Ao final do mesmo dia, entretanto, já haviam mudado de opinião, pois perceberam o quanto a não frequência de atividades como essa gerava perdas, portanto conseguiram perceber a importância desse tipo de leitura. Não houve nenhuma rejeição à forma escolhida para a ler o livro, pelo contrário, a adesão foi muito positiva. Alunos alegaram prestar mais atenção dessa forma, conseguindo ter maior concentração e até mesmo ter contribuído para uma maior disciplina na turma. Isso ocorre devido ao grande poder da escuta, relacionado diretamente aos mecanismos de leitura usados por uma leitora especializada. O tempo de escuta, sem preocupação, mediado de forma adequada, também contribuiu para que os alunos superassem sua dificuldade de ler e para que tivessem maior liberdade para imaginar. Além disso, a leitura seguida de pausas de mediação contribuiu bastante para uma aproximação dos alunos com a obra, dessa forma eles podiam trocar suas experiências durante o processo, o que colaborou diretamente para o levantamento de hipóteses sobre a narrativa.

Sobre o texto lido, a primeira impressão foi um sucesso, embora ao apresentar a proposta não ter gerado uma afinidade espontânea, o que com o início da leitura desencadeou uma superação das expectativas. A temática da história possui muitos elementos envolventes para o público adolescente, suspense e aventura logo nos primeiros capítulos, tudo que os alunos adoram, o que despertou uma grande ansiedade neles em querer continuar ouvindo a história.

2º DIA

1 - Após a leitura dos capítulos 3 e 4, comente o que você achou de mais interessante até agora na história.

Aluno 1 – 902

- Eu acho que o surgimento da menina na história foi uma das partes mais interessantes da história, porque ela pode ter várias respostas para os meninos.

Aluno 2 -901

- Achei interessante a parte que a professora conta a história do livro. Pois contou a história da casa verde e mostrou que essa casa não é mal assombrada.

Aluno 3 – 901

- Foi interessantíssimo pra mim ver as semelhanças entre o tal “fantasma” e o alienista do Machado de Assis, livro que já comecei a ler e nunca terminei (aliás, vou terminar de ler quanto antes agora).

Aluno 4 – 901

- O que eu achei de mais interessante nessa história foi essa menina que surgiu de repente com essas roupas do século antigo e o que ela é desse misterioso senhor.

2 - Quem você acha que é o alienista?

Aluno 1 – 902

- Para mim o alienista é uma das pessoas que foram trancadas na casa verde, na época que ela surgiu.

Aluno 2 -901

- Eu acho que é algum fã dos livros de Machado de Assis.

Aluno 3 – 901

- Acho que ainda tem alguma coisa oculta, alguém ainda não citado com algum motivo específico enlouqueceu e, por já ter lido o alienista de Machado, acabou adotando a personalidade de tal personagem.

Aluno 4 – 901

- Eu acho que esse senhor já foi alienista no século passado e acabou se tornando louco nos tempos de hoje de tanto cuidar de loucos.

3 - Em sua opinião, os meninos irão conseguir montar o clube?

Aluno 1 – 902

- Acho que eles conseguiram montar o clube.

Aluno 2 -901

- Eu acho que sim, pois o dono da casa não parece ser uma má pessoa, e que no final da história eles conseguirão o clube.

Aluno 3 – 901

- Creio que não, mas espero que sim. Depois de tudo que eles estão passando acho que merecem o tão esperado clube.

Aluno 4 – 901

- Eu acho que eles conseguiram sim montar esse clube se fazendo de louco para o moço não descobri que eles são

normais, por que para esse moço ser louco é uma coisa normal.

No segundo dia, procurei analisar a compreensão do enredo e se eles estavam conseguindo fazer inferências coerentes com a história. O retorno das turmas continuou sendo muito positivo. Apesar de opiniões diferentes, o que também é bastante positivo, a linha de raciocínio e o levantamento de hipóteses seguiram coerentes. Para além, os alunos fizeram análises mais profundas sobre a narrativa sem perceberem, como a identificação de personagens secundários que surgem para tomar um lugar de importância na trama, o que ocorreu com o aparecimento da filha do falso alienista. No que tange as suposições futuras da narrativa, nem sempre prevaleceu o “e viveram felizes para sempre”, no entanto todos têm expectativa da justiça, isto é, de que o percurso dos heróis seja recompensado.

É interessante destacar que na leitura desse dia há uma longa descrição sobre a história do alienista de Machado de Assis feita pela professora dos meninos, personagem da narrativa, incluindo trechos da leitura original na íntegra (como foi visto em recortes citados anteriormente), entretanto a apreensão de que poderia ocorrer dispersão não se confirmou. O que ocorreu foi uma identificação da importância da figura do professor, como o detentor do saber especializado, na apresentação do conteúdo da obra machadiana, além deles, mediante a intervenção da professora Isaura, demonstrarem o conhecimento do cânone, mesmo sem a leitura dele, e conseguirem identificar o jogo intertextual, já que a partir da introdução do discurso machadiano eles conseguiram inferir hipóteses da narrativa de Scliar. Alguns desses levantamentos foram incríveis, como um aluno que fez uma inferência na ordem do absurdo temporal, quando disse “Eu acho que esse senhor já foi alienista no século passado e acabou se tornando louco nos tempos de hoje de tanto cuidar de loucos.” (pergunta 2, aluno 4), o que apesar de absurdo é amplamente possível de ser acolhido na narrativa de ficção.

Mediante esse retorno obtido com a leitura do livro, pela primeira vez foi verificado que seria possível inserir a leitura do clássico *O alienista* para as turmas e o que parecia muito distante foi se aproximando por intermédio do interesse do próprio aluno, o que ficou claro com as análises feitas anteriormente, pois alguns chegaram a afirmar que o texto de *O mistério da Casa Verde* reativou o interesse em ler Machado de Assis. Comprova-se, então, que essa faixa etária possui uma capacidade de concentração muito maior do que a esperada pelas instituições de ensino e que naquelas turmas existiam leitores em potencial, isto é, percebe-se que o problema não está no texto e na complexidade da linguagem, está na forma

como é posta em prática a sua leitura em sala de aula. Isso mostra que é preciso acabar com o julgamento de que adolescentes não possuem capacidade leitora e levantar a reflexão se a questão não seria uma recusa à leitura tradicional e individual indicada e exigida pelo professor em sala de aula, já que a recepção com a leitura oral e compartilhada foi tão positiva.

3º DIA

1 - Comente que fato ocorrido você achou mais interessante na leitura de hoje.

Aluno 1 – 901

- Eu achei a história que a Lúcia contou para o Arturzinho, agora tudo se encaixa na história do alienista.

Aluno 2 – 902

- O fato mais interessante hoje para mim foi a descoberta de quem era menina.

Aluno 3 – 901

- O fato da Lúcia ser filha do tal “alienista”, e pelo “alienista” ser um parente que enlouqueceu e adotou seu modo de viver e pensar para si, como eu imaginei que seria.

Aluno 4 – 901

- O fato que achei mais interessante foi a forma que o Jorge, “o alienista”, enlouqueceu. E temos descobrido afinal a verdadeira identidade do maluco da casa verde, sendo ele bisneto do alienista.

2 – Qual será o provável fim da narrativa na sua opinião?

Aluno 1 – 901

- Como o fofoqueiro ficou sabendo da história, eu aposto que ele vai falar na rádio para todo mundo ouvir.

Aluno 2 – 902

- Eu acho que o Léo vai acabar enlouquecendo de tanto ler o livro.

Aluno 3 – 901

- Imagino que o tal jornalista vai descobrir tudo e espalhar para toda a cidade e isso incluindo para Lúcia, que vai achar que foi Arthurzinho que o contou, ficando bem chateada com ele e dando deixa para André se aproximar e talvez até roubá-la do Arthurzinho. E que a história acabe

assim, já estou farto de finais felizes.

Aluno 4 – 901

- Como o radialista mais fofoqueiro da cidade acabou descobrindo o segredo, acho que ele vai atrás para investigar essa história e descobrir a verdade. Sendo assim irá parar na rádio e todos da cidade vão ficar sabendo, ficando curiosos invadirão a casa e vai acabar se espalhando a história, tevê, jornais, etc. a esposa e filha do louco não terá outra saída senão interná-lo. O psiquiatra amigo do pai do Arthur irá ajudar e Lúcia e Arthurzinho irão namorar.

No terceiro dia, continuei com o objetivo analisar a capacidade de fazer inferências dos alunos. Os resultados continuaram sendo positivos, pois eles continuaram mantendo-se interessados na história e com grandes expectativas para a parte final do romance, além de apresentarem interessantes observações sobre a narrativa.

Observa-se como destaque positivo e importante que os alunos demonstram profundo conhecimento da trama, pois, como pode ser analisado, eles identificaram com facilidade o fato central a cada momento da narrativa, o que aponta o envolvimento com a história, e devido a isso eles continuam fazendo suspensões e manutenções de expectativas de forma bastante coerente e criativa, como pode ser observado nas respostas dadas à segunda pergunta sobre prováveis finais. Sobre essas especulações levantadas, observou-se que por vezes a temática da loucura permaneceu, não apenas pelo viés da imagem do alienista, mas podendo atingir outros personagens, como, por exemplo, para um aluno que disse “Eu acho que o Léo vai acabar enlouquecendo de tanto ler o livro.” (pergunta 2, aluno 2), nessa resposta encontra-se também uma ironia, já que no caso Léo ficaria louco de tanto ler. No entanto, no que se trata de possíveis fins, a espetacularização prevaleceu e sempre relacionada à imagem da personagem Ildefonso, o radialista. Quase todos os alunos apontam o fato de o radialista ser fofoqueiro e ter o óbvio acesso à comunicação como uma potencial construção espetacularizada da informação. Aqui, o fato de esses estudantes estarem atualmente habituados a assistirem essas práticas de comunicação instantânea e espetacularizada, fruto da sociedade em que eles estão inseridos, na televisão e nas redes sociais, parece influenciar a leitura que eles fazem da personagem, além, é claro, do poder que os meios de comunicação possuem sobre qualquer assunto já há muito tempo.

1 - O que você achou do final da história? O que mais gostou e o que menos gostou?

Aluno 1 – 901

- Não gostei do final, acho que foi muito óbvio e esperado, queria algo mais surpreendente. Gostei dele finalmente conseguirem o bendito clube, e não gostei do Jorge ter “voltado ao normal”.

Aluno 2 – 901

- Achei o final muito inesperado, pois o alienista saiu muito tranquilo da casa verde, como se nada tivesse acontecido.

Eu gostei mais quando o alienista aceitou o tratamento para se tornar uma pessoa melhor. Do que eu menos gostei foi do apresentador que surgiu do nada querendo saber de tudo.

Aluno 3 – 902

- Eu achei o final muito legal. O que eu mais gostei da história foi quando o alienista saiu da casa e ele falou, achei que causou um espanto nas pessoas, porque antigamente todo mundo pensava que na casa verde tinha fantasma.

O que eu menos gostei foi na parte que todos queriam montar coisas na casa verde, aí tiveram que dividir em partes eu achava muito mais justo que os meninos ficassem com a casa toda para o clube.

Aluno 4 – 902

- Achei muito comum igual a todos outros livros, mas foi bem interessante. O Jorge na minha opinião não deveria ter saído da casa verde, isso ficou muito sem graça. Eu gostei da atitude do Dr. Eduardo por ajudar o pessoal e a realização dos meninos em montar o clube.

2 - Qual o seu personagem favorito? Por quê?

Aluno 1 – 901

- O Leonardo, me identifico com ele.

Aluno 2 – 901

- Meu personagem favorito foi o alienista. Desde o começo. Porque ele se isolou do mundo e mesmo assim no final conseguiu fazer novos amigos.

Aluno 3 – 902

- Meu personagem favorito é o Arturzinho. Porque ele pensou em construir o clube na casa verde e aí se deparou com outra situação dando origem a história como

personagem principal.

Aluno 4 – 902

- Arthurzinho foi meu personagem favorito, porque ele tem suas qualidades e a dele é a sua persistência em descobrir tudo que ele conseguiu.

3 - A leitura do livro O mistério da Casa Verde despertou em você vontade de ler e saber mais sobre o alienista da obra de Machado de Assis?

Aluno 1 – 901

- Sim, apesar de aparecer pouco, o alienista é um personagem bem trabalhado e adoraria saber mais a fundo sobre ele.

Aluno 2 – 901

- Sim, eu quero muito ler o livro do Machado de Assis. Quero saber mais sobre o alienista e o que ele realmente se tornou no final.

Aluno 3 – 902

- Sim, o livro despertou muita vontade de saber mais de ler mais, porque é uma história interessante.

Aluno 4 – 902

- Sim deu uma vontade de conhecer o livro, para poder conhecer e comparar um livro com o outro.

4 - Para você o que é melhor: a experiência da leitura oral feita pela professora ou a leitura do texto escrito individualmente? Por quê?

Aluno 1 – 901

- Leitura oral feita pela professora, meu problema com leitura é que acabo me cansando, foi legal ter alguém lendo para mim. Sem contar pelos debates que rolaram durante a leitura.

Aluno 2 – 901

- Eu acho as duas experiências muito bacana, porque eu amo ler e também ouvir.

Aluno 3 – 902

- Bom, eu acho melhor oral feita pela professora porque ela fala e vai explicando tudo, ela vai parando causando suspense e isso é o mais legal.

Aluno 4 – 902

- A leitura feita pela professora, porque alguns alunos não

são de ler muito e a professora sabe ler e interpretar as falas e os personagens.

No quarto e último dia, além de analisar a aceitação ampla dos alunos com a mediação e com a história, o objetivo era perceber como se construiu o processo de identificação, principalmente na relação de aproximação entre as personagens e os leitores. Analisando as respostas que surgiram para a pergunta “Qual o seu personagem favorito?”, pode-se perceber que Arturzinho é o campeão da preferência, o que se relaciona diretamente com a posição de liderança que ele ocupa em seu grupo, o líder é o mais popular, o que gera uma maior identificação com a posição que a maioria dos adolescentes gostaria de atingir. Apesar disso, um aluno disse se identificar com o alienista e, pela resposta dele, percebe-se que essa aproximação ocorreu pela personalidade da personagem e pelo fato de ela, apesar de ser reservada, conseguir fazer amigos. Nesse caso a identificação está diretamente relacionada à personalidade mais reservada do leitor.

O processo de construção da compreensão textual também foi muito importante para os alunos na absorção da leitura e para a análise dessa pesquisa no que se refere ao tipo de leitor que se quer formar. Quando eles avaliam o fim da trama, tratam de suas expectativas em relação a ela, avaliam se houve surpresa ou não, e do julgamento que fazem das personagens e de seus destinos. Mediante a análise deles, percebe-se que os alunos parecem ser leitores com pouco distanciamento ainda, que defendem os heróis e reivindicam que com eles a justiça seja feita.

A opinião final dos alunos sobre a metodologia, isto é, a escolha da mediação oral, mostrou que os objetivos dessa estratégia foram alcançados. Tornou-se inegável que uma leitura mediada pelo professor, leitor especializado, fazendo uso das marcas discursivas, por vezes distantes da leitura feita pelo aluno individualmente, foi uma grande facilitadora da compreensão e do envolvimento com a obra e isso se intensificou ainda mais com uso da leitura compartilhada, pois a troca de impressões e experiências com a narrativa foi grande responsável pela aproximação da experimentação da leitura literária, de potencialização da criatividade para além de atividades mecânicas de sala de aula, além de contribuir diretamente com a construção dos sentidos da obra.

Por fim, o maior objetivo dessa proposta de leitura literária foi atingido em quase sua totalidade, visto que a maioria dos alunos sentiu interesse em ler o clássico *O alienista*, de Machado de Assis. Dessa forma, o percurso de leitura literária pretendido nessa pesquisa com

a escolha de obras que constituem um diálogo intertextual foi alcançado, assim comprovando que uma leitura contemporânea pode ser uma “porta de entrada” para a inclusão de cânones literários nas práticas de sala de aula.

O questionário trazia questões que buscavam mensurar não só a decodificação do texto, mas também a reflexão sobre a obra, trazendo à tona as leituras subjetivas para, em diálogo com as outras, construir os muitos sentidos da obra; questões que confrontaram a reação dos alunos com os dados textuais, com a orientação do professor no que se referisse a respostas contraditórias ou incompatíveis com o que diz o texto; e questões que interrogaram as reações subjetivas dos alunos, mostrando que a leitura não traz somente o enriquecimento sobre o mundo, mas também um aprofundamento sobre si, uma identificação mais restrita. Os resultados da prática dessa proposta metodológica foram de grande valia para o percurso do alcance da leitura literária para além do “Ler é sair de si”, partindo para o “Ler é entrar em si”, como referencia JOUVE (2013), ou seja, a partir da leitura subjetiva do texto, o aluno, leitor ativo, fará a reapropriação dele a partir do confronto com as experiências que constrói.

É possível, a partir da análise do questionário, traçar, também, um perfil da recepção dos alunos da obra de Moacyr Scliar. Eles construíram ao longo da leitura uma relação de aproximação da narrativa e dos personagens de *O mistério da Casa Verde*. Foi recorrente a comparação entre eles e em relação aos amigos com as personagens, além de discutirem de forma próxima as situações que iam se desenrolando. Essa identificação ocorreu, como pode ser analisado, por vários fatores, entre eles a linguagem escolhida e o perfil das personagens, adotados pelo autor. O diálogo do clássico com o contemporâneo foi de grande valia porque cumpriu papel não de facilitar por meio de uma estratégia mutiladora do texto original, mas sim da apresentação de uma obra que, embora distante cronologicamente da realidade dos jovens, apresenta questões muito possíveis de serem trazidas à cena na contemporaneidade. Essa troca foi muito facilitada uma vez que a leitura escolhida foi feita oral e compartilhada.

Pretende-se, a partir dessa experiência de intervenção presencial, caminhar para o próximo passo que se trata de uma intervenção à distância, por intermédio das redes sociais *Facebook* e *WhatsApp*. Essa nova intervenção, o porquê de ter ocorrido no plano virtual, sua análise, suas consequências e seus objetivos serão analisados no próximo capítulo.

A proposta principal dessa primeira etapa foi traçar a possibilidade de despertar o gosto pela leitura literária, afastando a discriminação e o pré-conceito existente em muitos alunos do ensino fundamental II de que ler é “difícil”, “chato” ou “fora da realidade”, tão afastados do hábito da leitura literária e principalmente do cânone literário. Necessita-se

resguardar que todos, independente de classe social, possuam direito à arte e que a literatura é um direito e não um dever. Bem como diz Antonio Candido:

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p.188)

2 – LEITORES EM FORMAÇÃO: ANÁLISE DE COMPARTILHAMENTO EM ESPAÇO VIRTUAL

“Se olho demoradamente para uma palavra descubro, dentro dela, outras tantas palavras.

Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos.

O meu texto surge, algumas vezes a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige.

E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve.”

(Bartolomeu Campos Queiróz)

O primeiro passo a ser dado em busca de formar leitores de dentro para fora do espaço escolar é colocar os alunos em contato com o poder da palavra, ou seja, com o livro, tomando esse como um auxiliador no desenvolvimento progressivo da experiência literária, transmitida também pela narrativa, que simbolicamente ajuda a encontrar a experiência interior das crianças e dos adolescentes. Outro fator a ser considerado é que essa prática auxilia o público leitor a alcançar seus próprios fundamentos, colaborando com o desenvolvimento linguístico e psíquico para que ele construa sua própria história.

Essa imagem do livro como um objeto que pode causar um forte impacto interior e que pode ajudar as pessoas existe há bastante tempo e está relacionada à oralidade. Desde a imagem dos *gritos* que representam aqueles que conservam as memórias de sua tribo e transmitem-nas de geração em geração, como bem explica Laura Padilha, em sua importante obra *Entre voz e letra*:

Assim, por exemplo, nas antigas comunidades, um mesmo velho que se sentava ao sol, para tecer seu luando e/ou fumar seu secular cachimbo de água, no conselho de anciãos se transformava em um ser luminoso e iluminado de cuja palavra dependia o próprio destino dos homens e do grupo. (PADILHA,2007, p.36)

São esses disseminadores de histórias que levavam às suas comunidades narrativas que consolavam, espantavam as tristezas, entre outros. Dessa forma, como bem cita Petit (2009, p.125), “esses materiais remendados, essas unidades de sentido bem ou mal combinadas, tinham ajudado a construírem suas casas interiores, em perpétua restauração”.

Nesse ponto, todavia, algumas reflexões podem ser levantadas: Se o livro, as narrativas, a literatura em si têm papel tão importante na formação do indivíduo e, por conseguinte, na formação social, por que essa importância pode ser tão facilmente esquecida,

a ponto de se colocar a linguagem e o espaço da biblioteca como lugares de apenas “acesso à informação”? As histórias são parte integrante e constante da vida dos indivíduos. Ainda que por vezes se tente fugir delas, há uma necessidade constante em produzir histórias, seja qual for a situação, incluindo momentos de dificuldades.

De fato, em contextos de crise, individual ou coletiva, quem analisou os fatores que trabalham para a reconstrução do indivíduo sublinhou a importância de dois elementos: a qualidade do contato com os outros e a possibilidade tanto de tecer uma narração a partir de experiências descosturadas, dando-lhes sentido, coerência, quanto de exprimir suas emoções diferentemente e compartilhá-las.” (PETIT, 2009, p.127)

Encontra-se um vasto número de depoimentos que interligam situações de crise à experiência de leitura. No caso dos alunos que se pretende formar como leitores literários, o objetivo é “lutar”, traçando estratégias, contra a crise da leitura e contra a escassez de recursos, que parecem reverberar apenas na ideia de que há falta de interesse dos estudantes do ensino fundamental II, em especial no caso analisado neste trabalho.

O maior atuante nessa síndrome da ausência de formação do leitor literário no espaço escolar por ser o principal mediador de literatura para os jovens alunos é o professor. Para tal, seu ponto de partida deve ser ultrapassar os limites dos livros didáticos para trabalhar os textos literários, buscando principalmente a leitura da obra literária integralmente. Dessa forma, lutará contra o total esquecimento da literatura em sala de aula, pois “se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento.” (COSSON, 2014, p.15)

É necessário, entretanto, deixar bem definida a definição de literatura pretendida por esta dissertação.

Se tomarmos a literatura como um conjunto de obras exemplares ou significativas para uma determinada comunidade, então é legítimo falar de sumiço ou estreitamento, pois a escola é a instituição que garante o conhecimento comum dessas obras, o que efetivamente não está acontecendo tal como demonstram os defensores do ensino de literatura. (COSSON, 2014, p.23)

Cabe, então, à escola criar esse espaço para a literatura, de preferência e como aqui proponho, mesclando o contemporâneo ao clássico.

2.1. ESTRATÉGIAS DE LEITURA: A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

“a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas.”
(Rildo Cosson)

O ato de ler está também ligado ao ato de dividir a leitura feita, ainda que a leitura esteja sendo realizada sozinha como pode-se confirmar no seguinte depoimento de Michèle Petit sobre sua experiência de leitura:

Mesmo se leio sozinha no meu quarto, quando viro as páginas, quando levanto os olhos do livro, outros estão ali ao meu lado: o autor, os personagens cujas vidas ele narra ou aqueles que ele criou, se se tratar de uma ficção (e talvez aqueles que os inspiraram), os outros leitores do livro, de ontem e de amanhã, os amigos que dele me falaram ou a quem imagino que eu poderia recomendar. Mas também os que constituíram a minha vida ou que a compartilham hoje, cujos rostos, brincadeiras traições ou generosidade estão prontos para aparecer nas entrelinhas. Sozinha, sou muito povoada dentro de mim mesma. (PETIT, 2009, p.139 – 140)

Pode-se pensar, então, que mesmo na leitura solitária há uma busca pelo compartilhamento, que favorece a troca de experiência. Dividir as impressões de leitura ajuda na permanência das práticas de leitura e se relaciona com aspectos afetivos que as estimulam:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referência e cumplicidade mútuas. (COLOMER, 2009, p.143)

A leitura oral está vinculada à imagem de leitura coletiva, pois incentiva esse compartilhamento de histórias. Um dos indícios para a resistência encontrada em sala de aula à leitura é provavelmente essa perda da prática de leitura coletiva na contemporaneidade. Citando Teresa Colomer (2009, p. 144), “o progresso da leitura autônoma e silenciosa e da seleção individual dos livros, ao contrário, proporcionou uma dimensão de isolamento em relação ao grupo social imediato”. Por isso, a adolescência, que apesar de ser um período individualizador, também valoriza muito o coletivo, acaba preferindo outras atividades coletivas à leitura. Trocar com os pares parece exercer potencial fascínio entre os jovens.

Um possível caminho em direção à disseminação da prática da leitura coletiva é levar para a escola a inclusão de formação de comunidades de leitores de literatura mediadas pelo especialista, o professor de literatura, que conduzirá a leitura literária. Para tanto, esse

processo deveria partir do princípio de que não existe nem texto nem leitor isolados. Nessa visão toda interpretação resulta e é construída mediante convenções existentes e seguindo regras de uma determinada comunidade e resultante disso formam as identidades dos leitores. Essas comunidades formadas no âmbito escola, em especial no ensino fundamental, são uma ótima oportunidade de expandir o conhecimento desses alunos não somente sobre literatura, mas também sobre a sua língua materna, sobre interpretação, sobre conhecimento de mundo, sobre habilidades comunicativas, entre outros.

A princípio a ideia desta pesquisa seria mostrar que é possível trabalhar obras literárias do contemporâneo ao clássico, por intermédio da formação de comunidades de leitores. Não foi possível, entretanto, no momento virtual da pesquisa formar uma comunidade com práticas presenciais porque o processo de construção deste trabalho foi atravessado pela necessidade de afastamento decorrente da licença maternidade.

O diálogo intertextual entre as obras ocorreu seguindo a estratégia da leitura oral e da leitura compartilhada, seguindo alguns princípios da formação de comunidade de leitor, defendidos por Rildo Cosson, a começar pela visão de que

Uma comunidade de leitores é um espaço de atualização, por conseguinte também de definição e transformação, das regras e convenções da leitura. Uma forma de interação social por meio da qual as práticas de leitura ganham a especificidade e concreticidade dos gestos, espaços e hábitos. (COSSON, 2014, p.138)

Seguindo esse princípio, o trabalho realizado com os alunos parte do indivíduo, de seus interesses e objetivos com a leitura, para aí atingir o espaço da interação, da troca desses pré-conhecimentos individuais. As interpretações apesar de partirem de uma visão individual estão sempre permeadas pelas instituições e as regras sociais.

Desse modo, embora o processamento físico do texto seja essencialmente individual, a leitura como um todo é sempre social porque não há leitor que não faça parte de uma comunidade de leitura, ainda que nem sempre seja reconhecida como tal. (COSSON, 2014, p.139)

Vale ressaltar o papel fundamental da escolha do tipo de leitura que será realizado para uma maior aceitação das obras por parte dos alunos. Essa escolha contribui para o “mergulho” que cada aluno dará em direção ao entendimento do texto, no caso a compreensão “criada pela interação entre as vivências do interlocutor com o mundo proposto pelo universo ficcional” (p.107), como bem apontou Flávia Brocchetto Ramos (2004). Entretanto, como já foi colocado, não é esse o caminho comumente traçado nas escolas, muito menos no ensino

fundamental, mas é a proposta defendida nesta dissertação, valorizando o tratamento literário do texto, para além do texto como pretexto.

Ficou claro que a experiência com a leitura oral e com a leitura compartilhada foi surpreendente para os alunos e para a professora, provocada também pela surpresa gerada pelo novo. O estranhamento e rejeição iniciais, por não ser uma prática recorrente, foram se transformando em interesse a medida que a leitura foi mobilizando-os internamente. E se intensificando na troca mediada pelo professor, no compartilhamento das suas capacidades intelectuais e afetivas. Nesse ponto, pode-se concluir que

quando o leitor dialoga com a literatura, está realizando uma prática social de interação com signos que lhe permitem desvelar alguns dos possíveis sentidos do texto e, conseqüentemente, da realidade, estabelecendo vínculos com manifestações socioculturais que podem estar distantes no tempo e no espaço. O texto literário contém uma autonomia de significação, já que não representa especificamente um determinado contexto, mas o recria, mantendo a natureza da *poiesis*. Daí nasce a possibilidade e plurissignificação, uma vez que a literatura contém diferentes concretizações. Tais significações podem ser ativadas e percebidas pelos leitores iniciantes, desde que o professor atue como mediador, propiciando situações em que os repertórios do sujeito e do texto dialoguem entre si. (RAMOS, 2004, p.109)

As turmas 901 e 902 praticaram a interação entre a leitura do livro e a construção de leituras possíveis a partir dele, mediante o princípio da interação *texto-leitor*. Para elas, toda a leitura foi transpassada por uma tentativa de reconhecimento, próprio e do outro, nas narrativas, o que contribuiu diretamente para uma maior e mais profunda aproximação com as obras literárias lidas. Isso se dá, pois

O modo de ler do *texto-leitor* é aquele que tem o texto como uma configuração de mundo, fazendo da leitura o desvelamento desse mundo. É por isso que se constitui em um dos encontros essenciais entre obra e leitor. Além do mais, apesar de ser associada a uma leitura meramente impressiva, logo superficial, a leitura *texto-leitor* pode ser feita por meio de um mergulho profundo na mensagem da obra, mostrando que o texto vai muito além da superfície das palavras. (COSSON, 2014, p.76)

Assim sendo, objetivou-se com essa leitura despertar o olhar literário mais amplo de cada aluno, fazê-lo enxergar para além do texto, para além de uma leitura limitada pelas palavras e comumente feita em sala de aula por intermédio da forte presença de textos não-literários ou de apenas fragmentos literários descontextualizados, com o objetivo apenas de desenvolver competência leitora e não experiência estética.

Seguindo a linha teórica defendida nesta dissertação, foram definidos alguns passos a serem seguidos para efetuar a proposta de leitura literária para as duas turmas analisadas:

- a) Escolha dos livros, um contemporâneo *O mistério da Casa Verde* e um clássico *O alienista*, pensando que a obra contemporânea deveria ser um diálogo intertextual do cânone literário;
- b) Escolha do tipo de leitura a ser realizada: com a obra contemporânea, leitura oral e compartilhada; com a obra literária clássica, leitura oral feita por áudio e compartilhada na rede social WhatsApp;
- c) No caso da leitura compartilhada presencialmente, o professor mediou, funcionando como um facilitador, orientando e promovendo discussões sobre o livro enriquecedoras do entendimento da obra e eficientes para a troca de experiências;
- d) Elaboração de perguntas, que funcionaram como registros feitos durante a leitura, para estimular a compreensão e a discussão da obra em questão.

Mediante o percurso relatado e as experiências vividas na prática com alunos, tentou-se trazer para a sala de aula a socialização pretendida mediante a leitura oral e compartilhada que constitui o melhor meio para tornar a leitura literária eficaz e produtiva com os alunos. Assim, por intermédio dessas estratégias, a prática dessa leitura de literatura no ensino fundamental II tem por objetivo:

ampliar e consolidar a competência da leitura e da escrita, auxiliando o desenvolvimento cognitivo do aluno, como se observa em atividades de preencher fichas de leitura, responder questões de compreensão no livro didático, debater o tema do livro lido em casa, entre outras. (COSSON, 2014, p.70)

Dentre todas as estratégias de leitura pretendidas nessa prática, a eleita foi considerada muito relevante para atingir os objetivos já citados, em especial a formação do leitor literário no ensino fundamental II: fazer a conexão entre dois textos buscando a aproximação dos leitores para que se apropriassem também do texto clássico. Para a análise, o aluno deveria perceber essa conexão entre as obras e fazer disso um facilitador para a leitura; logo *O mistério da Casa Verde* teve a função de apresentar a história e o contexto da obra de Machado de Assis, *O alienista*. Por intermédio desse primeiro contato, os alunos deveriam se sentir convocados a lerem o cânone literário integralmente. Essa estratégia não teve adesão unânime, de dez alunos que efetivamente participaram dessa etapa sete corresponderam positivamente, o que é um número interessante de alunos, ainda mais se pensarmos na realidade e na frequência de leitura literária deles, e no contexto em que a mediação docente

se deu exclusivamente por meio virtual, no momento da licença maternidade. A ausência de prática cotidiana presencial dificultou muito o trabalho e interferiu diretamente nos resultados.

2.2. MACHADO DE ASSIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTRATÉGIAS E RECEPÇÃO DOS ALUNOS

“Há em cada adolescente um mundo encoberto, um almirante e um sol de outubro.” (Machado de Assis)

Para iniciar os relatos e a discussão nesta parte da pesquisa, é necessário refletir um pouco mais sobre a forma distintiva que são vistas, pelo mercado editorial, obras literárias contemporâneas e obras do cânone literário, quando se trata do público consumidor juvenil.

existe um cânone em formação na literatura juvenil brasileira, constituído a partir de critérios estéticos, que rivaliza com as listas de cunho didático que circulam via divulgação editorial nas escolas e com as listas dos mais vendidos que chegam aos jovens por meio de estratégias de marketing e divulgação massiva. (Souza, 2015, p.59)

Existe uma disputa entre o cânone e a literatura contemporânea. Essa rivalidade corrobora pelo o mercado, intensifica o distanciamento do público juvenil em relação ao clássico, com base em um refinamento estético que acarreta uma dificuldade de leitura dessa literatura canônica por parte do público em questão. Dessa forma, confirma-se a dicotomia texto fácil (contemporâneo) x texto difícil (cânone).

Essa visão, todavia, ratifica o preconceito de que nem todo leitor é capaz de compreender um clássico literário, que para ocorrer a compreensão é imprescindível recorrer a releituras, paráfrases, entre outros meios que facilitem a linguagem da obra. O quadro se intensifica quando o público alvo além de jovem, pertence a rede de ensino público. Essa visão preconceituosa, no entanto, perde força, quando se observa que muitos desse público, quando praticam a leitura, leem livros imensos, trilogias que abordam mitologia grega, entre outras leituras literárias que não possuem uma identificação direta (de espaço, de tempo, de linguagem) e mesmo assim eles conseguem realizar a leitura na íntegra. Então por que acreditar que o jovem leitor não é capaz de ler, de gostar e de se identificar com uma obra clássica de nossa literatura?

Essa pergunta vem motivando esta dissertação desde seu ponto de partida. Pode ser possível trabalhar o cânone em sua integridade em sala de aula do ensino público e com alunos do ensino fundamental II. É preciso, pois, criar estratégias para a mediação da leitura literária, a partir de um desligamento da ideia tão rejeitada pelos alunos da leitura obrigatória,

indicada pelo professor. Como já foi relatado anteriormente, a escolha da obra literária contemporânea que constitui um diálogo intertextual com o clássico machadiano pode ser um caminho. Ressaltando-se que a intertextualidade só acontece se o leitor reconhecer no texto atual o texto a que se faz referência. Pretende-se, então, nessa parte da pesquisa, efetivar esse diálogo intertextual na prática entre *O mistério da Casa Verde* e *O alienista*, objetivando que o aluno/leitor do ensino fundamental II

faça dessa presença uma maneira de construir os sentidos dos textos, que a aproximação feita resulte em ampliação ou aprofundamento dos laços que estabelecem entre si e com a cultura que o leitor dinamiza pelo reconhecimento do intertexto. (COSSON, 2014, p.62)

Dentre as experiências estudadas para essa pesquisa com práticas de leitura literária, observa-se que a maioria delas era realizada em encontros presenciais, como foi feito com o livro de Moacyr Scliar. Entretanto, a partir dessa segunda etapa, a troca de experiências ocorreu por meio de uma intervenção à distância, feita pelas redes sociais WhatsApp e Facebook. Esse tipo de intervenção foi escolhido primeiramente pela impossibilidade de se realizar encontros presenciais no ano de 2016⁹. Ao associar a atividade de leitura literária com os suportes WhatsApp e Facebook, pretendia-se encontrar uma boa maneira de fazer com que os alunos, que estão totalmente inseridos nesse tipo de interação virtual, ficassem ainda mais interessados e empolgados com a leitura, uma vez que ela estaria associada a um compartilhamento muito familiar a eles.

Para isso, foram formados dois grupos virtuais, um no WhatsApp e outro no Facebook. Como estava de licença, tive que contar com disposição e vontade dos alunos em contribuir para finalizar a prática. Mediante esse cenário, o número de alunos que participaram desse segundo momento foi reduzido em relação ao primeiro, dez alunos começaram participando dessa etapa, mas apenas dois prosseguiram até o fim. Apesar do quantitativo inferior, trata-se ainda de uma boa expectativa, uma vez que o movimento inicial deles, quando da criação dos grupos foi muito lento, o que levava a considerar a possibilidade de não haver participação efetiva nesta etapa. O que de início pareceu uma ideia ímpar pelo reconhecimento do fato de que os estudantes são usuários das redes sociais revelou que transportar a cultura escolarizada para a dimensão virtual não significa obter sucesso a priori. Foi necessário um apelo presencial para obter mais alunos dispostos a contribuir com essa parte da pesquisa, fui ao colégio e conversei individualmente ou em pequenos grupos com vários alunos, abordagem que gerou um efeito positivo.

⁹ No caso, estive de licença maternidade.

A prática de leitura literária começava com a disponibilização no grupo do WhatsApp do áudio da leitura do capítulo de *O alienista* (no máximo três capítulos por vez) gravado por mim mesma. Em seguida, para analisar a recepção dos alunos, postava no grupo do Facebook atividades de discussão, procurando manter a troca de experiências que tanto enriqueceu a discussão literária de *O mistério da Casa Verde*.

Para ilustrar essa prática e para analisar seus resultados, deve-se observar o detalhamento de observações feitas, no espaço de discussão, pelos alunos no grupo do Facebook, que aqui serão expostas; as questões foram mais amplas do que no primeiro questionário, a fim de provocar mais a capacidade de fazer inferências dos discentes. Ressalva-se que o aparato teórico seguido para a realização da leitura e para os questionamentos levantados é o mesmo seguido na prática com o livro *O mistério da Casa Verde*. Observem o detalhamento a seguir:

| 1º DIA ¹⁰ |
|--|
| 1 – Essa apresentação feita por Machado de Assis fez você se lembrar da apresentação feita no livro "O Mistério da Casa verde"? Principalmente em qual parte? |
| <u>Aluno 1:</u> - O cientista e o hospício que e criado e o modo com os loucos naquela epoca eram tratados. |
| <u>Aluno 2:</u> - A criação do hospício e o Alienista Simão Bacamarte. A história de vida do Alienista e como decidiu estudar aquilo que ninguém queria resolver. |

No primeiro dia, esperava-se que os alunos conseguissem já inicialmente traçar alguma semelhança entre *O mistério da Casa Verde* e *O alienista*, para que a partir do ato de recordar e reconhecer fosse comprovada a teoria de intertextualidade defendida nesta dissertação. De uma maneira geral, o retorno foi positivo, pois os alunos fizeram automaticamente o *link* entre as duas obras. Entretanto, é preciso fazer a crítica de que a pergunta feita direcionava em muito a resposta e, portanto, não houve muito espaço para discussão do ponto de vista dos estudantes.

¹⁰ As respostas foram selecionadas aleatoriamente para ilustrar a proposta. Não houve correção ortográfica.

| 2º DIA |
|---|
| <p>1 – O que mais chamou sua atenção nos capítulos de hoje?</p> <p><u>Aluno 1:</u></p> <p>- o quanto o alienista e focado no seu trabalho.</p> <p><u>Aluno 2:</u></p> <p>- A personalidade dele, no caso mais pro sangue frio que ele tem.</p> |

No segundo dia, os alunos foram criando vínculo com a estrutura da narrativa do conto machadiano e isso se comprova porque eles começaram a inferir indícios da personalidade do protagonista. Essas inferências mostram que no plano da decodificação do discurso e da observação da relação entre os fatos e as personagens os estudantes parecem transitar bem.

| 3º DIA |
|---|
| <p>1 - Quais as suas expectativas sobre a sequência da história? O que você acha que ocorrerá?</p> <p><u>Aluno 1:</u></p> <p>- Tenho uma boa expectativa sobre a história e eu acho que o alienista vai prender todos nessa casa.</p> <p><u>Aluno 2:</u></p> <p>- Acho que depois, bem de fininho, ele irá prender todo mundo.</p> |

No terceiro dia, para continuar analisando a recepção dos alunos, buscou-se motivar a criatividade e a capacidade deles de levantar hipóteses mediante os fatos que estavam acontecendo na história.

A partir desse ponto, pressupondo que a história estava conseguindo convocar os leitores, a discussão ocorreu livremente, para que assim acontecesse proximidade maior com o cenário da primeira prática, em que o compartilhamento da leitura acontecia em sala e de forma espontânea.

| 4º, 5º, 6º DIA |
|--|
| <p>1 - Comentem livremente sobre a história até agora. O que vocês estão achando da história, das personagens? Pensar comparando com o livro anterior O</p> |

mistério da Casa Verde.

Aluno 1:

- Sem dúvida é um dos melhores livros que já vi os personagens tudo está ótimo e comparando ao "mistério da casa verde" está interessantíssimo.

Aluno 2:

- Sinceramente é um livro ótimo estou sem palavras para descrever o mesmo, os personagens toda a trama está impecável e me arrisco a dizer que está muito melhor que "o mistério da casa verde".

Aluno 3:

- Sem dúvida é uma trama muito boa, a história dos personagens sem dúvida impecável e o que mais me chamou a atenção foi a relação de fatos entre os livros mas o alienista supera "o mistério da casa verde".
Sim, ajudou no entendimento sobre o que aconteceu na casa e sobre o próprio alienista.

Com a abordagem mais ampla, foi possível chegar a conclusões bastante relevantes para esse trabalho no que se trata da eficácia da estratégia em escolher o modo de leitura intertexto-texto. A leitura de *O mistério da Casa Verde* além de ter sido uma narrativa que chamou a atenção deles foi também a porta de entrada para despertar o interesse em conhecer a obra clássica original, que para muitos dos alunos acabou se tornando mais interessante que a obra contemporânea.

Alguns aspectos, entretanto, chamam a atenção nesse cenário. A participação dos estudantes é muito menor, como já afirmado, e eles parecem construir suas impressões, no plano da escrita e da mediação virtuais de maneira mais generalizante do que no caso da mediação presencial. O que se pode inferir disso é que os leitores, nesse caso, sentiram-se mais motivados em um cenário em que leitura e recepção aconteceram simultaneamente, como na prática de *O mistério da Casa Verde*. O debate levantou questões que aprofundaram mais a leitura, enquanto no trabalho com *O alienista*, a leitura da obra, deu-se mais na perspectiva estrutural.

Para ratificar o que foi observado e concluir a eficácia da estratégia do uso da leitura oral, foram entrevistados alguns alunos:

Aluno 1¹¹

1 – Você gosta de ler?

R – não leio com frequência.

2 – Quantos livros normalmente você ler por ano?

R – no máximo que li foram 2 livros e no mais so os livros didáticos escolares.

3 – Você costuma ler mais livros contemporâneos ou clássicos?

R – sinceramente so li esses 2 um foi "Robin hood" e o outro foi justamente "o alienista" e após estes não li nenhuma obra literária conhecida tanto atual e antiga exceto "o alienista".

4 – Você gostou de ouvir a leitura de um livro inteiro oralmente?

R – sim, a leitura oral foi um pouco mais dinâmica e interativa ao nos juntarmos para ouvir um áudio livro os comentários as discussões geravam mais motivação.

5 – Se pudesse escolher preferiria ouvir ou ler sozinho?

R – o áudio livro e mais dinâmico e interativo portanto oral.

6 – Você gostou mais da experiência de leitura oral feita em sala de aula, onde existiu também uma interação, ou a feita pelos áudios do WhatsApp? Qual você achou mais interessante?

R – a que mais me agradou foi a executada em sala pois a interação foi mais presente.

7 – Você se sente motivado a ler outros clássicos da literatura após o trabalho realizado?

R - sim, me sinto um pouco motivado a ler novas histórias após este projeto vi que um velho ditado que ouço "nunca condene um livro pela capa" realmente procede muitas das vezes não gosto do livro por motivo tolo como o título ou a própria capa confesso que quando ouvi "o mistério da casa verde" pela primeira vez achei que não me chamaria muito a atenção mas com a leitura feita pela professora e a interação do primeiro livro me senti motivado a ouvir o segundo.

Entende-se então que, no que tange o tipo de proposta trabalhada, há uma grande lacuna nessa pesquisa formada pela perda da interação na leitura de *O alienista*. Ficou claro que se tivéssemos repetido a prática da leitura oral e compartilhada, a experiência com Machado no ensino fundamental II teria sido ainda mais enriquecedora para os alunos e para a prática docente. Além disso, o roteiro das questões, na segunda prática, para debate transitou em um plano muito superficial, o que ocorreu decorrente do fato de não ser possível a mediação presencial, o que levava ao receio de, aumentando a dificuldade, diminuir ainda mais a participação dos estudantes. A efetiva interação praticada na leitura de *O mistério da Casa Verde* foi expressivamente relevante e por isso contribuiu diretamente no despertar da curiosidade de conhecer a obra original de Machado de Assis. Assim sendo, como bem

¹¹ As respostas foram selecionadas aleatoriamente para ilustrar a proposta. Não houve correção ortográfica.

apontou Cosson, a interação no primeiro momento foi um grande recurso “para envolver o leitor com o texto e, por meio desse envolvimento, promover a construção literária dos sentidos” (COSSON, 2014, p.116). O que não se pode negar, entretanto, é que *O alienista* é uma obra que ainda causa impacto e repercute em leitores contemporâneos, mesmo tendo sido escrito e refletindo uma sociedade de outras épocas.

3 – PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA: DIÁLOGO ENTRE O CONTEMPORÂNEO E O CLÁSSICO

É de grande valia para a formação de bons leitores literários o contato direto com os autores e obras clássicos. E devido a isso se acredita ser tão importante que esse encontro ocorra no espaço do ensino fundamental II e não somente no ensino médio. Por outro lado, não se pode esquecer que também existe muita produção de qualidade contemporânea para esse público alvo e que essa deve ser uma leitura também presente nesse segmento de ensino. Logo, torna-se interessante propor atividades que façam dialogar clássico e contemporâneo, mostrando como um não apaga e não diminui o outro.

Para trazer à reflexão alguns aspectos observados, a partir dos dados recolhidos e analisados nas atividades realizadas, serão desenvolvidas propostas de sequência didática, com intuito de organizar um planejamento para efetivar o projeto desenvolvido nas intervenções em sala de aula, repensando a prática proposta, a partir da avaliação do que foi possível perceber no momento da execução. Para o desenvolvimento dessas propostas, o cenário pensado é o mesmo das atividades realizadas relatadas aqui anteriormente, turmas de 9º ano do ensino fundamental II e seguirão o seguinte planejamento: uma proposta para *O mistério da casa Verde*, de Moacyr Scliar, outra para *O alienista*, de Machado de Assis, até culminarem na proposta de diálogo final entre as duas obras.

Além disso, como os resultados durante a prática com a leitura oral foram para além das expectativas, a prática da oralidade será mantida no início de cada atividade proposta. Acredita-se ser de extrema importância para o trabalho com literatura nas escolas desenvolver a memória individual e coletiva, para além da repetição mecânica do que se ouviu, mas sim dando a oportunidade de esse aluno poder compartilhar com outras pessoas as histórias a ele apresentadas, como afirma Cosson:

Como não se pode conceber uma formação literária sem a participação ativa da escola enquanto instituição, a memorização deve fazer parte das práticas de leitura das aulas de literatura. Não para a mera repetição do texto em voz alta, um exercício vazio de oratória, mas sim para que se possa compartilhar, pela memória, os textos que são significativos para aqueles leitores, para aquela comunidade. Daí que a memorização, como processo interno, a citação e a recitação, como processos externos da leitura, não podem ser vistas como atividades isoladas, mas como parte de um todo (COSSON, 2014, p.109)

3.1. PROPOSTA PARA O LIVRO *O MISTÉRIO DA CASA VERDE*

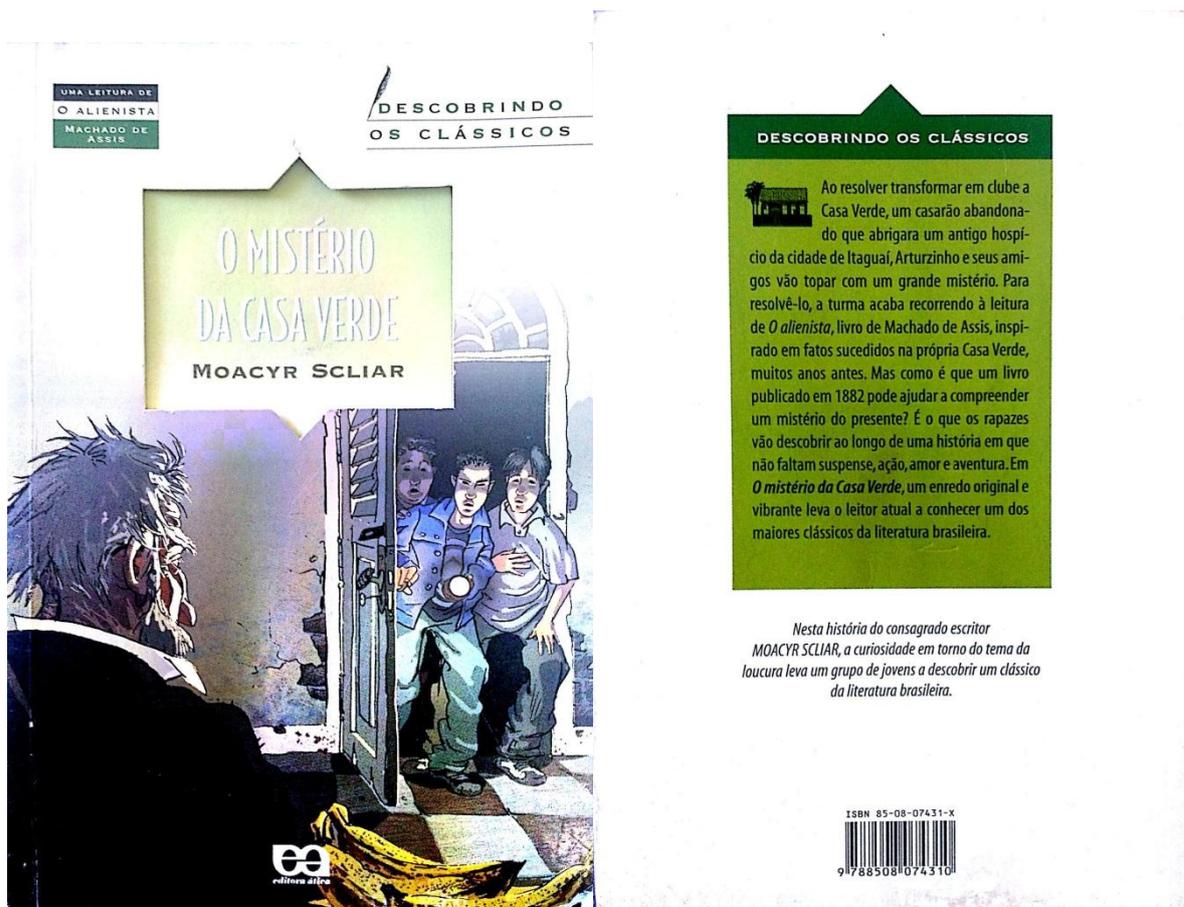
“Mistérios da Meia-Noite
 Que voam longe
 Que você nunca
 Não sabe nunca
 Se vão se ficam
 Quem vai quem foi...”
 (Zé Ramalho)

Para desenvolver o trabalho com o livro *O mistério da Casa Verde*, o primeiro passo é efetivar a leitura da história para os alunos. Após analisar o excelente resultado obtido com a leitura oral e o vasto interesse que essa despertou nas turmas, essa mesma estratégia foi mantida para iniciar a proposta de sequência didática com o livro de Scliar.

A leitura será realizada, em sala, nos tempos de aula, mantendo também o princípio da leitura compartilhada e seguindo as orientações do professor da seguinte forma: é necessário que o docente coloque a turma em círculo, colaborando para que todos possam estar em contato visual durante a leitura; após a preparação da disposição física, o professor pode seguir um roteiro de atividades e de debate para cada dia que o orientará durante a leitura oral e compartilhada. Deve-se ressaltar que por ser uma atividade que propõe uma troca entre o professor e o aluno outras questões podem ser levantadas durante a prática.

| 1º DIA | |
|--|---|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da coleção Descobrimdo os clássicos; • Leitura oral dos capítulos 1 e 2; • Compartilhamento da leitura. | <p>1 – Como foi o primeiro contato com a leitura oral feita em sala de aula?</p> <p>2 – O que você está achando da história O mistério da Casa Verde?</p> |

O professor pode apresentar a coleção Descobrimdo os clássicos, ressaltando que a obra escolhida é inspirada no conto clássico de Machado de Assis, *O alienista*, e que é preciso prestar atenção em como isso é reproduzido ao longo da narrativa. Para tanto, seria interessante que ele mostrasse e comentasse a capa e contracapa do livro de Moacyr Scliar, dessa forma já dando um panorama geral do que esperar do romance.



Feito isso, o professor pode iniciar a leitura, pausando ao fim de cada capítulo e abrindo para reflexão entre os alunos, podendo seguir o caminho sugerido no roteiro de debate, partindo da relação pessoal de cada um com o texto, momento esse de extrema importância para um melhor desenvolvimento nesse tipo de leitura.

| 2º DIA | |
|---|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 3 e 4; • Compartilhamento da leitura. | <p>1 – Relate o que foi, em sua opinião, mais interessante na história dentro dos capítulos lidos.</p> <p>2 – Levante hipóteses sobre quem seria o “alienista”.</p> <p>3 – Qual a importância da personagem Isaura (professora) na narrativa?</p> <p>4 – Faça inferências sobre a narrativa: Arturzinho e seus amigos irão conseguir montar o clube?</p> |

| 3º DIA | |
|--|---|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 5, 6 e 7; • Compartilhamento da leitura. | <p>1 – Arturzinho finalmente descobre quem é a garota misteriosa. Como isso contribui para desvendar do mistério?</p> <p>2 – Além da leitura do livro <i>O alienista</i>, Arturzinho procura um amigo psiquiatra de seu pai. Que consequência gerou essa conversa? Comente.</p> <p>3 – Faça inferências sobre a narrativa: Qual será o provável fim da narrativa?</p> |

| 4º DIA | |
|--|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 8, 9 e 10; • Compartilhamento da leitura; • Impressões finais sobre a experiência leitora e o livro lido. | <p>1 – O receio que Arturzinho teve após o primeiro encontro com Ildefonso foi confirmado nesse trecho da história? Comente.</p> <p>2 – Relate suas impressões finais sobre o desfecho da história, apontando os pontos considerados positivos e os negativos.</p> <p>2 – Com qual personagem do romance você mais se identificou?</p> <p>3 – Sabendo do diálogo existente entre a obra de Moacyr Scliar e a de Machado de Assis, diga se a leitura do livro <i>O mistério da Casa Verde</i> despertou vontade de conhecer e ler na íntegra <i>O alienista</i>.</p> <p>4 – Compare a experiência da leitura oral compartilhada com a experiência da leitura silenciosa individual, tire suas conclusões e relate qual situação de leitura considerou mais interessante e proveitosa.</p> |

Em outro momento, terminada a leitura integral da obra e antes de iniciar a etapa de *O alienista*, outras leituras podem ser trabalhadas em sala de aula. Observem as duas propostas a seguir:

I – Após a primeira leitura feita oralmente pelo professor, a turma se divide em 10 grupos (número correspondente a quantidade de capítulos da obra) e cada um ficará responsável por um capítulo.

Os grupos, baseados na escuta, devem reproduzir o capítulo sorteado, montando esquetes. Para tal, é necessário prestar muita atenção na primeira leitura e fazer anotações pertinentes para o trabalho posterior, pois será necessário utilizar algumas frases do texto original.

Observação: Não é permitido gravar a leitura do professor, é preciso exercitar a memória!

II – Após a primeira leitura feita oralmente pelo professor, cada aluno deve memorizar o que ouviu e recontar a história para algum familiar ou amigo.

Depois de ser um contador de história, o aluno deve pedir para que a pessoa para quem ele contou a narrativa relate suas impressões acerca da obra. Essas impressões também deverão ser relatadas oralmente para a turma.

Observação: Não é permitido gravar a leitura do professor. O aluno deve preparar a sua.

Após esse primeiro trabalho de leitura, de reflexão e de discussão, proponho as seguintes atividades:

1 – *O mistério da Casa Verde* trata-se de uma narrativa de aventura, que possui como destaque um mistério que torna a história envolvente para Arturzinho e sua turma e para quem mais ler. Pensando nisso, diga como alguns elementos da narrativa contribuem com a formação desse mistério.

a – Itaguaí é uma cidade pequena;

b – A Casa Verde está abandonada;

c – Há um homem sozinho dentro da Casa Verde.

2 – Observe a tirinha abaixo e responda:



a – A tirinha acima também possui a temática mistério. Além dessa semelhança, podemos observar algumas coincidências entre suas personagens e algumas personagens de *O mistério da Casa Verde*. Com quais personagens poderíamos traçar uma correspondência e por quais características?

b – Com qual personagem de *O mistério da Casa Verde* você se identifica mais? Por quê?

3 – Arturzinho e seus amigos durante a narrativa tentam desvendar o mistério que ronda a Casa Verde e aquele homem que lá está vivendo sozinho e usando trajes estranhos. Para concluir essa missão eles precisam fazer uma investigação e se tornam uma espécie de detetive. Aponte quais foram as pistas encontradas com cada uma das personagens citadas abaixo e diga como elas ajudaram na resolução do mistério.

a – Jorge;

b – Lúcia;

c – Professora Isaura;

d – Eduardo.

4 – Agora é a sua hora de criar, de ser o autor e de ter a chance de escrever um final diferente para esse mistério. Releia o trecho abaixo e partir dele use a sua inspiração para inventar uma nova possibilidade de desdobramento da narrativa.

“Arturzinho ficou pálido. Teria Ildefonso descoberto tudo? Mas como? Pedro Bola tinha a explicação:

_ Ele botou uns garotos para vigiarem a casa, como nós. E aí descobriram essa moça, que vai lá levar comida para o maluco. O Ildefonso concluiu que tem alguém lá dentro. Daqui a pouco eles vão abrir a porta...

Arturzinho saltou da cadeira:

_ Temos de impedi-los _ gritou. __ Leo, você vai telefonar para a Lúcia e para o doutor Eduardo. Peça para eles irem imediatamente à Casa Verde. E vocês dois, venham comigo!

Seguiram correndo para a Casa Verde que _ Itaguaí sendo uma cidade pequena _ não ficava muito longe dali. Quando chegaram, Arturzinho assustou-se: de fato, havia pelo menos umas trezentas pessoas no lugar. Ali estava Ildfonso, com microfone na mão e fones no ouvido, fazendo uma transmissão direta. Quando avistou Arturzinho, seus olhos brilharam:” (p.68)

5 – Há muitos jogos de tabuleiro que exploram as narrativas de mistério. Em grupo, crie um jogo de tabuleiro a partir da narrativa *O mistério da Casa Verde*. Os grupos poderão ter como base jogos como *Detetive* ou *Scotland Yard*. Use a criatividade.



Não se esqueça de que seu jogo deve apresentar uma sinopse da história até o momento do mistério a ser desvendado, apresentar cada personagem envolvida na trama e o espaço onde ela ocorrerá, além de oferecer pistas e dispor fatos que interessem à trama de mistério.

3.2. PROPOSTA PARA O LIVRO *O ALIENISTA*

“Não dá pé não tem pé nem cabeça
não tem ninguém que mereça
não tem coração que esqueça
não tem jeito mesmo
não tem dó no peito
não tem nem talvez ter feito
que você me fez desapareça
cresça e desapareça”

(Geraldo Azevedo, Zé Ramalho
e Renato Rocha)

Para desenvolver o trabalho com o livro *O alienista*, o primeiro passo também é realizar a leitura da história com os alunos. Para a leitura oral, o ideal seria que cada aluno

tivesse o seu exemplar da obra para acompanhar. Como o público alvo desta pesquisa são estudantes de colégios públicos e, por isso, em grande parte não possuem condições para comprarem o livro, três saídas são possíveis: a primeira é pedir com antecedência para a escola providenciar exemplares que possam ser emprestados aos alunos, mesmo que cópias; a segunda seria o professor promover uma campanha de doação de livros, da mesma obra em questão, entre amigos, nas redes sociais e afins; ou ainda, que os estudantes baixassem o texto em PDF no celular, uma vez que o texto está disponível para download. É necessário ter o suficiente para uma turma e esses livros ao final do trabalho poderiam ser sorteados ou simplesmente doados aos alunos.

Nessa proposta também podemos ter a leitura oral realizada, em sala, nos tempos de aula, mantendo também o princípio da leitura compartilhada e a mesma disposição dos alunos em círculo. Também se sugere um roteiro de atividades e de debate para cada dia de leitura com o objetivo de orientar o processo, lembrando que esse está sujeito a mudanças de acordo com as questões levantadas em sala de aula durante a prática.

| 1º DIA | |
|--|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do autor Machado de Assis; • Apresentação da obra <i>O alienista</i>; • Leitura oral do capítulo 1; • Compartilhamento da leitura. | <p>1 – A apresentação feita pelo narrador no primeiro capítulo remeteu à leitura feita anteriormente? Indique passagens que corroboram com isso.</p> <p>2 – A maneira como Simão Bacamarte escolhe sua esposa pode ser considerada “normal”? Justifique.</p> <p>3 – Você teve dificuldade de compreensão do enredo na leitura do texto?</p> <p>4 – Como pode perceber, a linguagem, já apresentada pela professora em <i>O mistério da casa verde</i>, remete a um tempo mais antigo. Indique como está sendo sua experiência de ler esse texto.</p> |

O professor, antes de iniciar a leitura, pode trazer à turma informações sobre o autor Machado de Assis e contextualizar historicamente a obra para ajudar na compreensão. Para tanto, seria interessante que ele mostrasse e comentasse a capa e a contracapa do livro de

Machado de Assis, além de trabalhar com eles o anexo encontrado no livro¹², intitulado “Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora”, escrito por Carlos Faraco¹³, que fará um panorama histórico de Machado e do que direta ou indiretamente influenciou sua obra, dessa forma já dando um panorama geral do que esperar de *O alienista*.



Detalhes da edição da obra pela Ed. Ática, a mais comum na adoção pelas escolas

Feito isso o professor pode iniciar a leitura, também abrindo espaço para a reflexão entre os alunos ao fim de cada capítulo, podendo seguir as atividades e o caminho sugerido pelo roteiro de debate. É importante, nessa fase, investir na formação para a leitura oral, isto é, o professor pode propor aos estudantes que alguns se disponibilizem a preparar a leitura que será feita em aulas posteriores.

| 2º DIA | |
|---|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 2 e 3; • Compartilhamento da leitura. | <p>1 – Construa o perfil do personagem principal, Simão Bacamarte, até esse momento da narrativa.</p> <p>2 – Qual o critério usado pelo alienista para internar os “loucos” na Casa Verde?</p> <p>3 – A relação de casal existente entre Simão Bacamarte e a esposa é a mesma entre Crispim Soares e sua esposa? Justifique.</p> |

| 3º DIA |
|---------------|
|---------------|

¹² Anexo presente na 33ª edição de *O alienista*, na série Bom Livro, da editora ática, 2008.

¹³ Linguista brasileiro, professor de língua portuguesa da Universidade Federal do Paraná.

| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 4 e 5; • Compartilhamento da leitura. | 1 – Explique o terror vivido pelos moradores de Itaguaí que intitula o capítulo 5. 2 – Como o alienista justifica suas atitudes? |

| 4º DIA | |
|--|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 6, 7 e 8; • Compartilhamento da leitura. | 1 – O personagem do barbeiro pode ser considerado um oportunista? Justifique. 2 – Comente a atitude covarde de Crispim Soares. 3 – Com base na leitura até esse momento, construa um novo perfil para o protagonista Simão Bacamarte. Compare com o construído anteriormente e analise as semelhanças e as mudanças. |

| 5º DIA | |
|--|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral dos capítulos 9, 10, 11 e 12; • Compartilhamento da leitura. | 1 – Comente como a interferência da política mexeu com o rumo da narrativa. 2 – Que ponto da narrativa funciona como ponto chave para a revolução que ocorre na história? |

| 6º DIA | |
|--|--|
| ATIVIDADE | ROTEIRO PARA DEBATE |
| <ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral do capítulo 13; • Compartilhamento da leitura. | 1 – Após a leitura na íntegra, construa o perfil final de Simão Bacamarte; 2 – Qual conceito de loucura poderia ser inferido da obra? |

Em outro momento, outras leituras podem ser trabalhadas em sala de aula. Observem as duas propostas a seguir:

I – Após a primeira leitura feita oralmente pelo professor, a turma deve montar um “jogo da oralidade” que seguirá as seguintes regras:

- a – Apesar de possuírem o livro físico, no momento do jogo os alunos não poderão usá-lo, a única via para ativar a história lida anteriormente permitida será a memória;
- b – Os alunos devem sentar em círculo e não haverá uma ordem pré-estabelecida;
- c – Se um aluno tiver dificuldade de lembrar determinada parte da narrativa, deve ser auxiliado pelos demais companheiros de turma, em último caso pelo professor;
- d – Cada aluno terá cerca de três minutos para a sua explanação e não poderá haver repetição até que todos participem de uma primeira rodada.

Explicadas as regras, o jogo seguirá da seguinte forma: o professor começa a brincadeira iniciando a história, de pé ao centro do círculo, até um ponto da narrativa em que ele para e toca em um aluno que será o responsável por continuar a contá-la também no centro do círculo, até o momento em que ele tocará em outro aluno que fará a mesma coisa e assim sucessivamente. É importante ressaltar que os alunos além de trabalhar a memória também deverão por em prática a sua concentração para que a história não se perca.

II – Após a primeira leitura feita oralmente, o docente deve levantar a seguinte questão: será que uma história contada pelo olhar de uma ou outra personagem continua sendo a mesma história?

Para testar esse questionamento, os alunos deverão se dividir em quatro grupos de experimentação. Cada grupo deverá montar uma leitura dramatizada do conto machadiano, mudando o foco narrativo para um dos personagens abaixo:

- a – Dr. Simão Bacamarte (O alienista);
- b – D. Evarista;
- c – O boticário Crispim Soares;
- d – O barbeiro Porfírio.

Observação: É importante que o grupo se atente para que a mudança no narrador causa automaticamente uma mudança no olhar a respeito dos acontecimentos.

Após esse primeiro trabalho de leitura, de reflexão e de discussão, proponho as seguintes atividades:

1 – *O alienista* é um conto machadiano que tem como tema principal a loucura. Muito já se escreveu sobre esse tema, um exemplo é a canção retratada abaixo, um grande sucesso composto por Rita Lee e Arnaldo Baptista:

Balada do louco

Dizem que sou louco por pensar assim

Se eu sou muito louco por eu ser feliz

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, não é feliz

Se eles são bonitos, sou Alain Delon

Se eles são famosos, sou Napoleão

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor

Não ser o normal

Se eu posso pensar que Deus sou eu

Se eles têm três carros, eu posso voar

Se eles rezam muito, eu já estou no céu

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor

Não ser o normal

Se eu posso pensar que Deus sou eu

Sim sou muito louco, não vou me curar

Já não sou o único que encontrou a paz

Mas louco é quem me diz

E não é feliz, eu sou feliz

(referência do disco: Mutantes e seus cometas no país do baurets, 1972)

A canção relata o tema da loucura assim como Machado de Assis fez em seu conto, nas duas situações a loucura está sempre no limite da razão. Cite dois trechos da canção que podem traçar uma comparação com duas situações presentes na história de *O alienista*. Diga o porquê de sua escolha.

2 – Durante todo o conto, o narrador ressalta o pequeno limite existente entre a razão e a loucura, nem Simão Bacamarte, o alienista, é capaz de discernir com precisão essa

diferença. Responda a questão abaixo a partir do provérbio popular “De perto ninguém é normal”.

a – Como você interpreta essa questão da razão e da loucura, nos dias de hoje?

3 – O alienista considerou loucas e trancou na Casa Verde inúmeras pessoas pelos mais diversos motivos. Selecione uma das personagens da narrativa que mais se assemelha a você e a algum tipo de “loucura” que você já cometeu ou seria capaz de cometer. Aponte o trecho do texto que relata a loucura selecionada e justifique sua escolha.

4 – Agora é a sua hora de ser o alienista e decidir quem deve ser internado ou não na Casa verde. Em trio, vocês precisam primeiro pensar no que é loucura e a partir daí fotografar pessoas e/ou situações que comprovem casos de anormalidade e de necessidade de reclusão na Casa Verde. Após impressão das fotos será montado uma exposição com os resultados da turma. Será que alguém consegue escapar?!

3.3. PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE *O MISTÉRIO DA CASA VERDE* E *O ALIENISTA*

“Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza”
(Raul Seixas e
Cláudio Roberto)

Após as leituras e a proposta feita para os livros *O mistério da Casa Verde* e *O alienista* separadamente, objetiva-se propor uma atividade que explicita e reafirme o diálogo existente entre as obras citadas. Pressupõe-se que a turma já esteja bastante envolvida com os enredos e com a temática depois das tarefas anteriores.

Para a culminância das tarefas anteriores, podem ser propostas as seguintes atividades:

1 – As duas obras contam com o mesmo espaço principal e significativo para todo o desenrolar da narrativa: a Casa Verde. Sobre esse asilo de loucos e como ele é representado em cada obra, responda:

a – Que Casa Verde Scliar constrói em sua narrativa?

b – Que Casa Verde Machado constrói em sua narrativa?

Além de representar cada Casa Verde por meio da escrita, tente desenhar cada uma delas.

2 – As duas obras também contam com a presença de um “alienista”. Sobre os alienistas e como eles são representados em cada obra, responda:

a – Que “alienista” Scliar constrói em sua narrativa?

b – Que “alienista” Machado constrói em sua narrativa?

Além de descrever o alienista em cada uma das narrativas pela escrita, monte um retrato 3x4 de cada um deles. Para construir o retrato, utilize como recurso a montagem e a colagem.

3 – Agora é a sua vez de juntar as duas narrativas, para isso use sua criatividade e conhecimento sobre as obras. A turma deverá se dividir em grupos para realizar a seguinte tarefa:

Como seria o encontro do alienista do passado com o alienista do presente? Quais seriam seus pensamentos sobre a loucura? Em qual Casa Verde eles estariam? Você e seu grupo responderão essas e outras perguntas criando e encenando uma esquete que promoverá esse grande encontro. Cada grupo pode gravar as apresentações em vídeo para promoverem uma discussão posterior. Lembre-se de manter a essência e o contexto de cada um deles. Imaginem, criem, enlouqueçam!

Como pode ser percebido, muito se pode criar a partir da leitura de obras literárias com estudantes, para além dos livros didáticos e dos roteiros de leitura, que na maioria das vezes propõem exercícios relacionados apenas a interpretação, sem direcionar uma análise mais profunda sobre o texto, além de trabalharem apenas no âmbito da escrita, não valorizando e nem cedendo espaço para a oralidade que, como foi possível observar no decorrer da pesquisa, tanto agradou ao público jovem.

CONCLUSÃO

Após ter trabalhado a leitura de duas obras literárias integralmente com alunos do ensino fundamental II, ter acompanhado suas discussões em sala de aula, ter lido seus depoimentos e questionamentos, em junção aos aportes teóricos sobre mediação de leitura, algumas conclusões precisam ser feitas. Ao fim das leituras de Moacyr Scliar e Machado de Assis, pretendi dar autonomia aos alunos para serem capazes de inferir as três acepções de sentido revestidas pelo conceito de intertexto denominadas por Rildo Cosson. São elas:

Uma que se volta para o autor e sua relação com o discurso literário. Outra que é baseada nos indícios textuais, citações ou reelaborações de uma obra dentro de outra obra. Uma terceira é resultado da construção do leitor a partir de seu cabedal de leituras. (COSSON, 2014, p.78)

Mediante o trabalho realizado em sala de aula e nas redes sociais, pode-se dizer que a maioria dos discentes conseguiu estabelecer o limite entre o reconhecimento e o relacionamento entre os textos lidos.

No que tange à escolha da leitura oral, sabe-se que a leitura em voz alta era muito recorrente no Brasil do final do século XIX e ao passar dos anos, com o surgimento e crescimento das mídias e das tecnologias, foi se tornando uma prática cada vez mais escassa, privando a sociedade de uma prática que não só facilita o conhecimento do conteúdo, mas também proporciona a sociabilidade e amplia a compreensão do texto lido já que contribui para uma maior concentração do ouvinte/leitor. O difícil é compreender por que essa prática, com todas essas qualidades, é tão escassa na escola. O movimento de inclusão da leitura oral em sala de aula deve ser intensificado, entretanto essa prática deve ir para além dos textos de livros didáticos e suas atividades.

Ler para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social. (COSSON, 2014, p.104)

Em busca de uma reaproximação da leitura literária, na e da interação alcançada pela leitura oral das obras, é que se desenvolveu essa pesquisa. Pode-se observar, entretanto, que houve diferenças nas recepções de acordo com o tipo de leitura oral feita. Foi nítida a maior aceitação e o maior envolvimento dos alunos com a leitura oral em sala de aula, ou seja, presencial, em contraponto da leitura oral feita por áudio e compartilhada pela rede social

WhatsApp. Por análise, é possível afirmar que isso ocorra pela falta de interação presencial na segunda proposta, visto que na primeira existiam pausas durante a leitura para as manifestações dos alunos e para comentários e observações do professor. Assim sendo, a diferença de aproximação com a proposta não está vinculada ao fato de o texto ser contemporâneo e o outro pertencer ao cânone literário, mas sim ao tipo de leitura oral trabalhada. E dessa forma, é totalmente possível afirmar que qualquer tipo de literatura, contemporânea ou clássica, pode ser trabalhado no ensino fundamental II, se houver mediação adequada.

Com as atividades realizadas, a partir dos estudos teóricos, foi possível repensar a prática docente vivida e propor outras atividades, fazendo autocrítica e ampliando o universo de possibilidades de exploração do texto, ultrapassando o limite do livro didático, em que, normalmente, encontram-se previsíveis exercícios literários ligados principalmente à interpretação e não à reflexão estética. A criação de um roteiro de atividade e de debate para contribuir com o compartilhamento da leitura foi bastante positivo, isso já havia sido observado na prática em sala de aula durante a leitura de *O mistério da Casa Verde*, foi, entretanto, ratificado nas sequências didáticas sugeridas, principalmente na que se referiu a *O alienista*, em que foi possível desenvolver de forma mais aprofundada o roteiro de debate. A proposta de diversas dinâmicas para a leitura oral, propondo um grande envolvimento do aluno de forma descontraída, estimulando a sua criatividade e exercitando a memória individual e coletiva, foi um caminho de bastante inovação, se comparado com os presentes materiais didáticos, e que pode gerar eficazes resultados, como tornar a leitura literária no ensino fundamental II mais interessante para os alunos e dessa forma contribuir para o aumento do número de leitores literários.

Esse é o grande desafio a ser atingido por essa dissertação, fazer com que os alunos se reconheçam leitores, definição bastante distante da maioria deles, e, para além, se reconheçam parte integrante de uma comunidade específica. Isso não deve ocorrer apenas no ensino médio, nem somente a partir do ensino fundamental, mas sim desde antes da alfabetização. Negar a literatura a uma criança, a um adolescente, a um adulto, é negar a eles o direito à imaginação, ou seja, negar a expansão da capacidade de simbolizar, tão cara à atividade intelectual.

E, perante esse quadro, deve ser ressaltado o papel e a importância do professor de língua portuguesa. Se o aluno pertence a uma família, na qual o hábito de leitura literária não é comum ou, por vezes, é nulo, cenário bastante comum entre os alunos que participaram

dessa pesquisa, a única maneira de ele ter acesso ao mundo literário e a tudo que ele atinge é via escola e professor, em sala de aula. Cabe ao docente, então, uma grande tarefa, a de abrir uma janela para a experiência literária dos alunos, apresentando-lhes a literatura. E como bem disse Flávia Brocchetto Ramos,

O professor tem como objetivo a formação de um leitor maduro e crítico, que conviva com diferentes tipos de textos e que, quando for interagir com a literatura, saiba que, com suas próprias vivências, ele está recriando. Agindo e dialogando com o texto, fazendo parte da história da recepção da obra. E o aluno, com a mediação do docente, descobre o papel ativo que tem frente à obra e o prazer de desvendar o ignorado até aquele momento. O leitor encontra-se no texto e, na visita ao desconhecido, descobre outras maneiras de ler e escrever a sua própria existência. (2004, p.112)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÓS, Anselmo Peres. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- ASSIS, Machado de. *O alienista*. 33ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*; tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BLOOM, H. *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004. p.169-191.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. In: *Nos caminhos da Literatura*. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Petrópolis, 2008.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. Entre o cânone e o mercado: a indicação de textos na escola. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Orgs.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- FISCHER, Luís Augusto. O fim do cânone e nós com isso – Passado e presente do ensino de literatura no Brasil. In. *Remate de males*. Campinas/SP, 2014.
- FURTADO, Magda. Clássicos ou contemporâneos? A mediação da escola na formação do leitor. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Orgs.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- GIROTTI, Cyntia G. G. S.; SOUZA, Renata J. de S. Estratégias de leitura: uma alternativa para o início de uma educação literária. *Álabe* 4, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MACHADO, Regina. *A arte da palavra e da escuta*. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.
- PEDROSA, Heloisa Helena. As adaptações e o ensino de literatura. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Orgs.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RAMOS, Flávia Brocchetto. O leitor como produtor de sentido nas aulas de literatura: reflexões sobre o processo de mediação. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Orgs.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gerárd; REZENDE, Neide L. de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 1999.

SCLIAR, Moacyr. *O mistério da casa verde*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

SOUZA, Raquel Cristina de Souza. *A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

WISNIK, José Miguel. Machado Copidescado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 mai. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/machado-copidescado-12513915>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo, Ed. SENAC, 2001.